

YVONNE A. PEREIRA

CÂNTICOS DO CORAÇÃO

volume II



CÂNTICOS DO CORAÇÃO Volume II

- Realidades Espíritas Yvonne A. Pereira
1º Edição do CENTRO ESPÍRITA LÉON DENIS Fevereiro de 1994 -
Do 1º ao 5º milheiro
L 0490194
Capa, Diagramação e Arte Final: Jefferson Borges
Revisão: Albertina Augusta Escudeiro Seco
Composição: Nilzett Araújo Thimóteo.
Ficha Catalográfica Feita na Editora
CIP - Brasil - Catalogação na fonte.

922.	PEREIRA, YVONNE A. (Yvonne do
2	Amaral Pereira), 1906.
P496	- 1984.
c	
v.2-2	CÂNTICOS DO CORAÇÃO /
	Yvonne A. Pereira; pref.
	De Hermínio C. Miranda. - Rio de
	Janeiro: CELD, 1994.
	2 v.: 118 p.; 11.; ret.; 19 cm
	ISBN - 85-7297-027-4
	1. Mediunidade
	2. Espiritismo
	I. Centro Espírita Léon Denis
	II. Título.
	W. Gualberto
CRB	CDD-922.2
17-1288	

ÍNDICES PARA O CATÁLOGO SISTEMÁTICO: 1. Espiritismo.-133.9 -
2. Mediunidade.-133.91

CGC 27.921.931/0001-89
IE 82.209.980

SUMÁRIO

Capítulo I	
Espíritos de Crianças.....	5
Capítulo II	
A Herança do Pecado.....	19
A História, tal como Ernesto a Relatou.....	24
Segue Ernesto.....	26
Capítulo III	
Um Estranho Caso de Suicídio.....	33
Capítulo IV	
Carmelita	41
Breve Recordação da Mediunidade.....	43
Capítulo V	
O Reverso da Medalha	51
Capítulo VI	
O Flagelo do Século.....	63
Capítulo VII	
A Obsessão e o Evangelho	Capítulo VIII
Um Caso Doloroso	91
"Moral da História"-----	102
Capítulo IX Considerações sobre a Mediunidade.....	103

CAPÍTULO I ESPÍRITOS DE CRIANÇAS

"Que sucede ao Espírito de uma criança que morre pequenina?

- Recomeça outra existência."

("O Livro dos Espíritos", Cap. 5, pergunta 199 - a).

A sorte das crianças depois da morte é um tema que interessa profundamente a qualquer adepto do Espiritismo. Nem todos, no entanto, são dedicados aos estudos de base doutrinária e, por isso, perdem-se em conjecturas e suposições frequentemente errôneas. Têm ficado então, o assunto do destino das crianças desencarnadas à mercê de suposições variadas, originárias, muitas vezes, de manifestações apócrifas de supostos Espíritos de crianças, manifestações que antes confundem do que esclarecem o palpitante pormenor doutrinário. A esse respeito, um amigo nosso, dedicado ao estudo e à observação da Doutrina Espírita, fez-nos as seguintes perguntas:

1. Por que Espíritos de crianças desencarnadas continuam crianças no Espaço?

2. Quais as finalidades?

3. Quais as razões para continuarem crianças?

4. Continuam crianças até a próxima encarnação ou vão desenvolvendo-se até atingirem o estado adulto?

Vejamos:

Consoante às instruções de "O Livro dos Espíritos", questões 197, 198 e 199 e também consoante o ensino dos mentores espirituais autênticos (há também os pretensos mentores espirituais, apócrifos, mistificadores, ineptos), o Espírito da criança não é infantil, e, sim, reencarnação de Espírito que teve outras existências na Terra ou em outras plagas do infinito. Alguns, porém, são mais amadurecidos, mais desenvolvidos do que outros, segundo o grau da própria evolução espiritual, número de encarnações progressivas, volume de experiências, etc. Assim se expressam os Espíritos Instrutores consultados por Allan Kardec, em "O Livro dos Espíritos":

- Poderá ser tão adiantado quanto o de um adulto o Espírito de uma criança que morreu em tenra idade?

"Algumas vezes o é muito mais, porquanto pode dar-se que muito mais já tenha vivido e adquirido maior soma de experiência, sobretudo se progrediu."

a) Pode então o Espírito de uma criança ser mais adiantado que o de seu pai?

"Isso é muito frequente. Não o vedes vós mesmos tão amiudadas vezes na Terra?"

- Não tendo podido praticar o mal, o Espírito de uma criança que morreu em tenra idade pertence a algumas das categorias superiores?

"Se não fez o mal, igualmente não fez o bem e Deus não o isenta das provas que tenha de padecer. Se for um Espírito puro, não o é pelo fato de ter animado apenas uma criança, mas porque já progredira até a pureza."

- Por que tão frequentemente a vida se interrompe na infância?

"A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que devera terminar, e sua morte, também não raro, constitui provação ou expiação para os pais."

a) Que sucede ao Espírito de uma criança que morre pequenina?

"Recomeça outra existência."

Embora as gerações sejam muitas, Espírito infantil, portanto, e propriamente, poderemos observar encarnado em tribos selvagens eminentemente primitivas, de mentalidade muito atrasada, onde os instintos grosseiros da materialidade, a falta de sentimentos de humanidade, a ignorância, etc, dominam, sem mostras de aspirações superiores, pois que esses se encontram ainda bem próximos da animalidade, não possuindo nem mesmo o senso de higiene comum ao estado material.

Podemos classificar nesse grupo alguns dos delinquentes da atualidade e de todos os tempos. Espíritos criminosos, sem ideais superiores nem sentimentos de humanidade, os quais tumultuam o mundo e impedem o curso normal do progresso. São, portanto, também esses Espíritos ainda infantis, que mal iniciaram a própria evolução. Nesses, vemos que, se o corpo material passa pela infância, cresce

naturalmente, como qualquer outro, e atinge o estado adulto, continuando os seus Espíritos, não obstante, com os complexos da própria inferioridade mental, só a mente, só o raciocínio, só os sentimentos são infantis, ou seja, atrasados, ainda inferiores, iniciantes na escala da evolução.

Compreendemos, então, que é através das sucessivas reencarnações que o Espírito se desenvolve mentalmente, dominando a materialidade em cada etapa vivida, adquirindo raciocínio peculiar ao estado terreno: critério, honradez, moral, sentimento de fraternidade universal, etc. Mas este - o estado adulto - não é, absolutamente, representado pelas dimensões físico-psíquicas da personalidade, senão pelo seu estado vibratório normal, sua capacidade moral-espiritual-intelectual de raciocínio e compreensão geral, acima especificado.

Entretanto, a obra mediúmica produzida por iluminados instrutores espirituais, que revelam segredos do mundo dos Espíritos aos homens, servindo a postulados instituídos pelo próprio Cristo, essa tem revelado aspectos muito racionais do assunto, através de compêndios especificados. Dizem os instrutores espirituais, por exemplo:

"Quando um Espírito é preparado para a reencarnação, seu perísprito sofre certo restringimento em suas dimensões ideais. Sabemos que ele, o perísprito, é poderosamente maleável pela mente espiritual, dirigido por ela, escravo, por assim dizer, da sua vontade. E contrátil e expansível, isto é, pode diminuir ou aumentar o próprio volume, e tomar formas e particularidades consoantes a própria vontade ou segundo as necessidades do momento. Tratar-se-á, por assim dizer, de uma como operação físico-psíquica, acionada pelo eletromagnetismo, tão usado na vida do Além que somos conduzidos a crer seja essa força patrimônio do nosso Espírito, elemento comum à ambiência da vida no invisível.

Sabemos que, senhor das próprias forças através do poder mental, patrimônio da própria natureza, pode tomar até aspectos anormais, deploráveis, por um simples ato de sua vontade, se permanecer ainda mental e moralmente inferior, e que, uma vez praticando as virtudes e saneando a mente, atingirá a formosura psíquica e, portanto, o estado espiritual adulto: brilho, fluidez, leveza, serenidade, equilíbrio, beleza, e sabe Deus o que mais, ignorado por nossa incapacidade de suposição.

Sabemos também que o perísprito até mesmo adocece, transladando para o Além as graves impressões mentais e vibratórias da enfermidade que o fez desencarnar, seja um acidente sofrido em seu envoltório carnal, seja um suicídio, etc, além dos choques morais-emocionais que tanto ferem o perísprito, e tudo isso podendo também transportar-se para a reencarnação imediata, se não se libertou de tais complexos durante o estágio no invisível, ou até mesmo deformações físicas, mormente aquelas adquiridas através do suicídio ou conservadas por estados vibratórios inferiores, pois é bom não esquecer que o perísprito é o molde pelo qual o corpo físico se modela influenciado pela mente.

Os elementos materiais fornecidos pelos pais vão-se aglomerando, molécula por molécula, nesse molde ideal, durante o período de gestação no ventre materno.(1)

Nesse período, se a mente espiritual não se libertou de complexos inferiores adquiridos durante a existência e conservados no estado de desencarnação, poderá o corpo ser modelado com alterações fora dos padrões normais do corpo humano.

(1) Ver "O Livro dos Espíritos", "O Problema do Ser, do Destino e da Dor", de Léon Denis; "A Evolução Anímica" de Gabriel Delanne; "Memórias de um Suicida" e "Dramas da Obsessão", obras mediúnicas ditadas por Camilo Castelo Branco e Dr. Bezerra de Menezes, respectivamente.

Com o crescimento natural da espécie movido, principalmente, pelo perísprito, que se vai expandindo lentamente, procurando a própria dimensão, e também concorde com as forças vitais da matéria ou leis biológicas, atingem ambos, conseqüentemente, - corpo carnal e perísprito, o estado adulto que lhes é próprio.

Quando, pois, um Espírito desencarna durante a infância, na grande maioria das vezes não o faz por ser essa a sua derradeira existência terrena, ou por ser essencialmente elevado, etc. A desencarnação na infância verifica-se, na maioria dos casos, por qualquer acidente material muito próprio da organização humana e das condições molestas da vida planetária, onde o ambiente é hostil sujeito às variações das provações, ou seja, local de transição, onde vemos a possibilidade de toda e qualquer provação e acidente.

Esse Espírito, portanto, desencarnou prematuramente, seja porque a sua organização física ou o seu tonos vital não foi bastante capaz de resistir aos embates sofridos, seja por descuido dos próprios pais para com a sua saúde (o que é comum acontecer), ou por descuido ou desinteresse do tratamento médico. Necessariamente, esse Espírito terá de voltar e reencarnar, pois a reencarnação é agente de progresso, e ele precisa progredir; é a lei divina, e ele não atingiu o alvo previsto por ela nessa curta jornada sobre a Terra, não cumpriu a missão ou tarefa para que reencarnara. Tudo isso, porém, é previsto e dirigido por lei, e tudo indica que servidores espirituais estão à frente de tais problemas, procurando resolvê-los da melhor forma possível.

Então, como o restringimento do perísprito foi realizado antes dessa encarnação malograda, não convirá que o mesmo se desfaça durante o período de espera no Além, pois a volta desse mesmo Espírito a outro corpo, far-se-á com brevidade, frequentemente na mesma família, e até com os mesmos pais, se possível. Acresce a circunstância de que a mente espiritual possui grande poder vibratório sobre o perísprito, como ficou dito. Portanto, se um Espírito desejar ou precisar conservar-se com aspecto de criança na vida espiritual, terá liberdade de o fazer, visto que a lei divina, que tudo rege, consigna-lhe tal direito, além de que o reflexo mental sobre o perísprito poderá também conservar essa aparência infantil.

Nos casos especiais, o Espírito desencarnado que não desejou continuar infantil no Além, pois que já realizou os compromissos da encarnação, anteriormente, poderá, não obstante, retornar ao estado infantil por um ato da própria vontade, ou pelo fenômeno de regressão da memória, a fim de satisfazer os pais, já também desencarnados, de uma existência em que houvesse desencarnado prematuramente, ou a fim de se tornar visível, em sonhos ou em vigília, aos pais encarnados que assim o configuram cheios de saudades. Também poderá acontecer que de tal modo se deseje identificar à família que acabou de perdê-lo na atualidade. (2)

Outrossim, existe um noticiário de que certo Espírito comunicante, desencarnado aos dez anos de idade, cresceu de volume na vida do invisível, e, ao atingir à época em que, na Terra, completaria as dezessete primaveras, seu porte era o de um jovem dessa idade. Nada vemos de

impossível nesse acontecimento, uma vez que o perísprito governado pela mente, pode assumir o aspecto que desejar. Essa entidade, então, ligada ainda às condições terrenas do tempo, manteve-se como bem o desejou, e cresceu, isto é, sua mente, sua vontade refletiu sobre seu perísprito esse mesmo desejo, e realizou o que queria, mas o que é certo é que não se trata de regra geral nem de uma lei. A lei aí é o poder mental, que pode operar todas essas formas exigidas pela vontade.

Basta que conheçamos a análise espírita para compreendermos todos esses fatos, sem nos deixarmos permanecer à mercê das próprias suposições fundamentadas, muitas vezes, em ensinamentos apócrifos provindos de manifestações mediúnicas inteiramente suspeitas.

Vale lembrar aqui que, certa vez em que fui arrebatada em Espírito pelos Instrutores espirituais, visitando o mundo invisível imediato à Terra, tive ocasião de ver um ambiente como que hospitalar, um recolhimento transitório, onde Espíritos de crianças desencarnadas prematuramente aguardavam nova encarnação. Mantinham o aspecto espiritual da idade em que haviam desencarnado. Existia no agrupamento uma espécie de seleção de sexo.

(2) Ver o romance doutrinário "Redenção", de Vitor Hugo, psicografado por Zilda Gama.

Alguns conservavam ainda impressões da enfermidade que vitimara seus pequeninos corpos carnis, e arrastariam tais tendências para o novo corpo; outros se mantinham despreocupados, distraídos, alegrezinhos, e nenhum demonstrava sofrimento.

Havia motivos de distrações e brincadeiras para todos: bonecas, carrinhos, bolas, livros e até latas, onde meninos pequeninos batiam com pequenos bastões, à guisa de tambores. Eram as reminiscências das brincadeiras que fizeram quando encarnados. O local era ameno e protetor, muito iluminado, sem ser superior, todos eram tratados com zelo e devotado amor por ilustres damas espirituais, que se diriam governantas maternais (guias espirituais femininos), de alto nível moral.

Uma gentil menina, aparentando quatro a cinco anos de idade, tinha o pescoço agasalhado por uma gargantilha de penas, e tossia, às vezes, com insistência. Explicava, então, que desencarnara de uma angina

aguda, e que as reminiscências desse mal acompanhá-la-iam na reencarnação próxima, afligindo-a nos primeiros anos de existência. Outra menina, de cor preta, muito elegantezinha e espevitada, dizia que tivera um ataque de vermes, e por isso desencarnara. Um menino, regulando um a dois anos de idade, e que batia numa lata com um bastãozinho, distribuía beijinhos, e até eu mesma fui agraciada com essa honra, sentindo em meus lábios espirituais a umidade dos lábios dele. E todas essas gentis entidades revelavam inteligência e muita lucidez.

Fui informada, por uma daquelas damas espirituais que patrocinavam a instituição, que, dali, aquelas entidadezinhas voltariam à reencarnação, sem atingirem propriamente a espiritualidade; que muitas delas poderiam carregar, para o novo corpo físico, complexos mentais e vibratórios da enfermidade que as fizera desencarnar anteriormente, segundo o grau de depressão das vibrações que lhes caracterizara anteriormente, segundo o grau de depressão das vibrações que lhes fossem próprias, ou do estado mental pouco evoluído para superar as incômodas impressões; que nem todas as crianças falecidas são Espíritos adiantados que viveram a última existência terrena, e que esse fato é até muito raro; que, comumente, elas desencarnaram devido a insuficiência orgânica, falta de assistência médica adequada, acidentes de várias naturezas, etc; e que, mais frequentemente, vieram completar o tempo de existência prematuramente interrompida na encarnação anterior, por um suicídio, um acidente não previsto por lei, e muito próprio de planetas como a Terra, etc; enfim, por vários fatores que o homem ainda não compreendeu.

Disse-me ainda, a dama espiritual, que, muitas vezes, o que acontece é que a morte de uma criança demarca o final de um ciclo de encarnações terrenas punitivas, ou expiatórias, e que, de ali em diante, reencarnarão, sim, mas com lúcidos desejos e predispostos ao bem, a fim de continuarem progredindo não mais através de provações, mas de realizações beneméritas no vasto campo da moral, da justiça, da ciência, do amor, etc.

Esclareceram as dignas preceptoras espirituais, que aquela ambientação do mundo invisível é subdividida em falanges nacionais, próprias de cada país, e que é a isso que os antigos devotos religiosos denominavam "limbo", local indefinido, segundo a crença deles, onde

permanecem almas infantis que não haviam recebido o batismo quando existindo na Terra.(3) A verdade espiritual era então deturpada: tais Espíritos ficam, com efeito, separados dos demais libertos, não atingem a espiritualidade propriamente dita, mas não é pelo fato de terem deixado de ser batizados nesta ou naquela religião que assim permanecem, e sim porque seus perísperitos já estão preparados para a reencarnação; voltarão com presteza à vida terrena, e por isso não foram desambientados das condições humanas que, ainda ontem, experimentaram.

São esses Espíritos, pois, que possivelmente se comunicam em nossas sessões experimentais, ou são percebidos, pela vidência, com aparência infantil, e que se mostram, frequentemente, tais como eram ao desencarnar, assim consolando fortemente os pais atingidos no coração por sua ausência carnal. Esses Espíritos, porém, são adultos. As circunstâncias temporárias é que os levam a se conservarem infantis.

Já André Luiz, em uma de suas elucidativas obras, esclarece que, durante esse período de espera, os Espíritos das crianças são visitados por suas mães, no Além, durante o sono corporal das mesmas, pois continuam ligados a elas e, certamente, muitos deles voltarão a ser seus filhos, se as condições físico-materiais das mesmas suportarem nova maternidade.

(3) Ver "O Céu e o Inferno", de Allan Kardec 15 Parte, Cap. IV, item 8.

E é sabido, sim, que um Espírito que desencarnou no período infantil insistirá em reencarnar com os mesmos pais, só deixando de o fazer se existir má vontade dos genitores em recebê-lo ou desleixo pela saúde de ambos, o que dificultará, ou mesmo impedirá, a reencarnação do Espírito, muitas vezes pranteado no antigo meio afim.

O grande Léon Denis, assim como o não menos grande Bezerra de Menezes, têm afirmado que a mortandade infantil na Terra constitui problema também para o mundo espiritual. Deduzimos, porém, que no momento atual da sociedade terrena, com a ampliação da assistência médica à mulher gestante e à infância, o problema em pauta será suavizado.

De qualquer forma, a morte, para a lei divina, não representa a calamidade que para nós outros constitui. Se o indivíduo morreu

prematuramente, seja criança ou adulto, voltará a corpo novo para re-
começar a própria evolução e cumprir os compromissos necessários à
sua honra espiritual, compromissos que a desencarnação prematura o
impediu de solver. (4)

Que aprendamos a compreender os temas espíritas dos livros de
análise doutrinária, prestando ainda toda a atenção aos trechos
analíticos constantes dos demais livros, porquanto a incerteza sobre cer-
tos pontos da Doutrina, é conseqüente da falta de estudo analítico da
mesma. E tudo isso a fim de adquirirmos esclarecimentos de todas essas
particularidades e sutilezas da Lei de Deus.

A bibliografia espírita é ampla e fecunda, e as revelações do Além há
um século ilustram, sem cessar, os conhecimentos já adquiridos com
novos conhecimentos indispensáveis ao nosso progresso geral. Será
necessário, no entanto, que estudemos os compêndios espíritas clássicos,
não que os leiamos como se lêssemos jornais, nem limitemos a nossa
instrução doutrinária à leitura de mensagens psicografadas ou de um ou
dois livros espíritas apenas, acostumando-nos a temer o raciocínio.

(4) Ver o "O Livro dos Espíritos".

CAPÍTULO II A HERANÇA DO PECADO

*Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes a um destes meus
pequeninos irmãos, a mim o fizestes. (Mateus, Cap. 25, v. 40)*

Confesso que, há cerca de dez anos, não assisto a uma sessão espírita
de trabalhos práticos. Não sei, portanto, como decorrem elas no
presente.

As últimas sessões a que assisti pareceram-me tão deficientes, tão
insípidas que decidi movimentar-me em outros setores do Espiritismo.
No entanto, nesta minha longa vida de espírita praticante, cheguei a
conhecer acontecimentos verdadeiramente edificantes no desenrolar
dessas sessões, quando parecia que o Alto se rasgava para conceder a
revelação dos seus segredos aqueles que muito necessitavam aprender.

Em certa cidade do sul fluminense, por exemplo, pela década de 30, tive ocasião de assistir a revelações objetivas, fecundas, em sessões de Espiritismo prático. Existia na dita cidade um núcleo espírita, um "grêmio", como era chamado, onde ocorriam fatos que hoje são transcritos em crônicas de instrução doutrinária ou citadas por oradores, de absoluta utilidade para os sedentos de conhecimentos do tão atraente plano que é o Além-Túmulo. Outros núcleos deram-me a conhecer tratamentos de obsessões, revelações, instruções, etc, que têm sido relatados com dados doutrinários de grande valor até mesmo em livros que hoje circulam entre espíritas e simpatizantes do nosso consolador ideal.

Ora, ontem, meditando nos tempos saudosos em que me foi permitido presenciar tais trabalhos, lembrei-me de uma bela reunião a que assisti na dita cidade fluminense, a qual consolou e reequilibrou uma família, que se desesperara ante a morte prematura de um dos seus jovens.

Nessa agremiação comunicavam-se Espíritos que se tornaram inesquecíveis para mim, tal o valor das suas produções entre nós. Um deles nomeava-se "Grumete", principiante, portanto. Parece que fora marinheiro, ou pescador português, pois, quando falava pelo médium, notava-se o sotaque português acentuado, do Norte de Portugal, mais precisamente.

Era um Espírito simpático, conversador, que tudo dizia valendo-se de linguagem marítima, excelente no tratamento de obsessões, pois guardava moral suficiente para atuar sobre obsessores, e apresentava-se "vestido" realmente como um "grumete", um aprendiz de barcos de pesca, deixando ver, inclusive, o gorro acrescido de uma parte afunilada, terminando por uma borla "pompom" baloiçante e dobrado sobre si mesmo. Era circulado por luz cintilante, belíssimo de ver-se, com seus trajos docemente coloridos.

Um outro havia, "Ernesto", Espírito de grande envergadura morai, deixando-se ver trajado como um homem, mas com tais detalhes no vestuário que se perceberia a época em que viveu sobre a Terra: fins do século passado, princípios do século atual. Fora médico e continuava sendo, pois atendia ao tratamento dos doentes que procuravam o "grêmio". Conselheiro, paternal, adorável Mentor dos trabalhos em

geral. Particularizava-se por levantar o médium ao comunicar-se. Suas preleções eram o que podemos considerar mensagens celestes, atingindo todos os problemas que afligem o mundo.

Ainda hoje sinto saudades das vezes em que se aproximava de mim, atendendo o receituário homeopata, outrora tão necessário e venerado pelos que sofriam sem recursos para procurarem um médico terreno.

É de se estranhar o fato de que a grande maioria dos Espíritos detectados pela minha vidência não se apresentem com a clássica túnica, tão decantada nos meios espíritas. À exceção de três dentre os que, em cinquenta anos de prática mediúnica, tenho podido avistar os demais se me mostraram trajados de variadas formas.

Ao presidente da citada agremiação havia desencarnado um filho de 22 anos de idade, portador de uma doença incurável pela Medicina de então. Havia desolação, mesmo desespero entre os familiares, não obstante a fé espírita que ensaiava firmar-se. O presidente, Sr. D. B., sofria, mas, paciente e resignado, voltava-se para Deus, procurando amenizar o sofrimento de quantos doentes encontrasse, em memória do filho.

Havia cerca de seis meses que o jovem E. desaparecera deste mundo, quando, naquela sessão memorável, após os trabalhos de rotina, Ernesto apresentou-se, levantando o médium, que disse o seguinte:

- Irmão D. B., consola-te! O que se acaba de passar contigo e o teu filho foi apenas a reabilitação moral e espiritual de ambos. Agradece a Deus as lágrimas que choras. Elas lavam a tua consciência. Teu filho inicia nova fase para o progresso até Deus. Não chores mais por ele, pois que o afliges com tuas amarguras. Persevera, antes, no bem e ama os que sofrem na expiação de doenças incuráveis. E agora ouve meu amigo, a tua história, a qual só não verás também porque, no momento, não te poderei facilitar a visão das cenas que descreverei, mas elas existem na tua memória profunda e compreenderás tudo".

Ernesto continuou, numa oratória comovente, rodeado de oito fervorosos espíritas, concentrados, num silêncio de santuário, como deviam ser as proteções nos templos de iniciação do antigo Oriente:

A HISTÓRIA, TAL COMO ERNESTO A RELATOU.

Na cidade de Gênova, pelos fins do Século XVIII, existia um titular de grande linhagem, nada mais nada menos que um Conde, possuidor de avultados bens, casado com uma Princesa, e cujo orgulho era notório, mas respeitado por quantos o conheciam. Não era propriamente mau. Possuía até algumas boas qualidades como, por exemplo, o amor e a fidelidade à própria família e o respeito ao dever. Era, no entanto, homem da sua época, em cujo coração o sofisma e os preconceitos ultrapassavam todas as demais conveniências.

Residia o Conde numa excelente vila, um palácio rodeado de arvoredos suntuosos, frequentado por altas personalidades da aristocracia não só da sua cidade como também de Roma, de Nápoles e outras importantes províncias do Reino. Eram famosas as suas festas, cujo esplendor repercutia até além das fronteiras de Gênova.

Quando se realizavam tais atividades, bandos de mendigos se postavam pelas imediações, ao pé das carruagens dos convidados, na esperança de que um ou outro daqueles belos Senhores lhes atirasse algumas moedas de prata, o que, realmente, não era raro acontecer, pois os ilustres fidalgos se permitiam afetar sentimentos de piedade diante de amigos, sentimentos que, em verdade, não carregavam no coração.

Os criados do Conde genovês, porém, recebiam ordem de dispersar os pedintes a fim de que as imediações do palácio não fossem enfeidadas pela miséria daquela malta de infelizes. Tal atitude frequentemente se desdobrava embora estivessem certos de que não lograriam êxito na repressão.

Dentre os pobres pedintes, havia também um leproso, frequentador assíduo das escadarias do Conde. Embuçado, discreto, o chapéu puxado até às orelhas, as mãos encobertas por luvas já rotas e pesadas de pó, o infeliz nunca falava, limitando-se a estender as mãos para receber a esmola.

Um dia porém, descobriu-se que se tratava de um leproso. O infeliz foi severamente advertido de que não deveria voltar àquele local, sob pena de receber punições. Mas o enfermo sentia-se bem à vista daquele

esplendor e voltou, e foi expulso com energia por um criado, que o espancara com uma bengala. Voltou mais outra vez, e novamente foi expulso a bengaladas.

Até que, em certa tarde, o próprio Conde, desmontando o seu cavalo, após o giro habitual, antes do chá, vendo a imunda figura coberta de lepra, o rosto desfigurado por chagas repulsivas, desceu da própria dignidade de ser humano e de cristão: empunhou o chicote e expulsou o mendigo a chicotadas. Não satisfeito com esse ato de crueldade e covardia, tomado de indignação, fez com que viessem dois cães da sua matilha de caça e instigou-os a perseguirem o pobre até mais longe.

Desesperado, miserável, abandonado por todos, desprezado pelas próprias autoridades, que não se interessavam pelas desgraças dos cidadãos de baixa condição social; batido por todos a quem recorresse, suplicando piedade; ferido pelas chicotadas, que lhe agravaram o mal-estar das chagas; as vestes despedaçadas pelos cães, com o corpo imundo exposto ao frio e à contemplação do público, que dele fugia aterrorizado, e sofrendo no coração a angústia do desespero... três dias depois o pobre enfermo atirou-se ao mar, suicidando-se, julgando, assim, libertar-se do opróbrio em que vivia.

Pouco anos depois, morreu também o Conde genovês, rodeado do carinho da família e das honrarias concedidas à sua posição social.

SEGUE ERNESTO

Em todos os tempos, a Humanidade tem prestado pouca atenção aos Dez Mandamentos da Lei de Deus. No entanto, eles encerram toda a sabedoria do bem viver, o segredo da felicidade do homem na Terra como no Além.

A lei de Deus se resume, conforme todos nós sabemos, nos dois pequenos ensinamentos que prescrevem:

Amor a Deus sobre todas as coisas, Amor ao próximo como a si mesmo.

Se meditarmos nos Dez Mandamentos e os distendermos, analisando o seu conteúdo moral e filosófico, um mundo de argumentações e conclusões salvadoras iluminará os nossos sentimentos, ensinando-nos

que a fraternidade, o auxílio mútuo entre os homens, o socorro ao sofredor, a proteção ao mais fraco, o respeito aos direitos do próximo, a consideração à sua pessoa são compromissos da mesma Humanidade para com o seu Criador, contidos naquelas recomendações lacônicas, compromissos que, quando observados, isentar-nos-ão de terríveis amarguras vindouras.

Nossa vida diária isso mesmo demonstra a cada passo, e, quando no Além, vivendo a existência espiritual, cada delito praticado contra a Lei Suprema, a que também chamamos Decálogo, repercute de tal forma, insuportável e dolorosa, em nosso ser espiritual, que o desejo da reparação do mal cometido contra ela impele-nos a um resgate inadiável. Então, em lágrimas, nosso ser espiritual suplica o ensejo propício ao trabalho de reparação da falta cometida. Novo estágio reencarnatório se delinea ao nosso futuro.

O ponto capital a ser reparado avulta em nossa consciência, como se decalcando em imagens de fogo diante de nós. Uma espécie de auto sugestão, de hipnose voluntária se nos impõe com vistas ao futuro. Tornaremos a viver a existência terrena... e então praticaremos a contento o mandamento que, no passado, deixamos de observar.

Foi o que se verificou com as duas personagens anônimas que apresentamos, anônimas, porém reais, ou seja, o Conde genovês e o leproso que se sentava à sua porta, esperando migalhas do seu sobejo. Uma vez na vida espiritual, o mendigo reconheceu-se culpado diante de Deus, porque culpado diante da Sua Lei, em vista da falta cometida contra si próprio, num momento de desespero: o suicídio. Não amando a si mesmo, pois se odiou e se matou, tampouco amou a Deus, porque não respeitou Suas Leis.

Não só sentiu que continuava existindo como até se reconheceu ainda atormentado pelos reflexos mentais da enfermidade de que se desejara libertar através do recurso da morte voluntária. Infringira ainda o 5º Mandamento, que proíbe matar; infringira o Mandamento Supremo, que recomenda amar a Deus sobre todas as coisas, e os infringira num dos aspectos mais dramáticos, revoltando-se contra o Criador e odiando-se a si mesmo, pois quem se suicida afronta a Deus e afronta a si próprio.

Viu que aquela lepra que lhe corroía o corpo carnal era o caminho redentor que lhe granjearia tranquilidade, honra e alegria no futuro, caminho onde expungiria terrível passado de crimes contra o amor devido ao próximo, revendo em si mesmo a culpa de, em passar etapas reencarnatórias, ter podido socorrer enfermos e aliviar sofredores de toda espécie e negar-se a fazê-lo por mera indiferença e criminoso egoísmo. E que, agora, como leproso que fora, expiava padecimentos idênticos aos que outrora deixara de aliviar, muito embora seus dias estivessem contados sobre a Terra quando procurou libertação através do suicídio: dentro em breve, retornaria à Pátria Espiritual redimido do opróbrio que arrastava e já carregando méritos para nova fase de progresso edificante e construtivo, sem lágrimas ou sacrifícios.

Agora, porém, esmagado pelo suicídio, não somente sofria como também se convencia desolado, de queurgia retornar à existência terrena a fim de concluir o tempo que lhe faltava viver na expiação necessária; e, em lágrimas, orou, rogando ao Eterno novo corpo material igualmente carregado de lepra, a fim de concluir a provação interrompida pelo suicídio.

Mas, Deus não quer a morte (desgraça) do pecador e sim a sua conversão ao bem, e, por isso, um dia, ouviu de seus mentores espirituais a seguinte advertência:

"Obtiveste méritos perante Deus pelo muito que sofreste ao abandono, esquecido de todos, humilhado e desprezado pela sociedade. Terás novo ensejo, sim, mas serás amparado por um lar presidido pelo Amor. A lepra existirá ainda, porque ela viverá em tua consciência até que a culpa seja superada pelo resgate dos erros outrora cometidos contra as leis divinas, mas o mérito já adquirido diminuirá poderosamente os seus efeitos."

Por sua vez, o Conde genovês, desencarnado, sabedor do sucedido ao mendigo que se postava à sua porta e era enxotado, encheu-se de remorsos ao se reconhecer culpado pelo suicídio do mesmo. Não era, realmente, um mau caráter, mas um homem em quem o orgulho e o respeito humano abafavam os pendores delicados do bem.

Posto à frente do infeliz, no Além-Túmulo, o qual não cessava de chorar sobre a própria desventura de retornar à Terra ainda flagelado por uma doença incurável, misturou as próprias lágrimas com as dele,

rogou-lhe perdão pela ofensa outrora praticada, reconheceu que seu dever perante Deus e o próximo, seria acolher o mendigo, asilá-lo em um hospital, em alguma casa de caridade onde pudesse viver ao menos ao abrigo da miséria, e deliberou reparar a falta cometida. Orou, pois, ele também, ao Criador Eterno, abraçado ao Espírito do antigo mendigo: "Pai e Criador Todo Poderoso! Ofereço-me a ti como pai terreno deste a quem ontem expulsava das escadarias do meu palácio. Repararei a falta cometida, Senhor! Amá-lo-ei ternamente, tudo farei por amenizar a sua provação!"

A súplica foi ouvida e aprovada a pretensão, pois é sabido que as leis de Deus determinam que os homens sejam instrumentos de socorro uns dos outros e que resoluções desse teor devem ser tomadas pelo nosso próprio livre arbítrio e não impostas por Lei.

O Conde genovês reencarnou dessa vez no Brasil, pátria acolhedora dos mártires dos próprios pecados. Na ocasião oportuna reencarnou o mendigo como seu filho primogênito, fruto de um consórcio fundamentado no amor sincero.

Era um lindo menino, pele alva e macia, cabelos louros, risonho, amável, cujos olhos meigos, de um azul brilhante, retratavam o anseio de carinhos e afetos que lhe dominava a alma. O pai amava-o profundamente, zeloso do seu bem-estar, e era ele próprio quem lhe ensinava o balbúcio dos primeiros vocábulos e o ensaio dos primeiros passos. E a mãe, afetuosa e delicada sempre, reconhecia-se feliz ante o quadro que lhe ofereciam aqueles dois seres tão amados, que se pareciam querer com um amor singularmente profundo, e certo inspirado no próprio amor de Deus.

Ao atingir, porém, os três anos de idade, o menino E apresentou, certa manhã, as faces excessivamente vermelhas. Progrediu o sintoma nos dias subsequentes, e as faces, as mãos, os braços, as pernas agora pareciam tintos de uma cor violácea, e, em seguida, uma estranha erupção espalhou-se pelo corpezinho gentil, dantes macio e aveludado como pétalas de rosas, castigando de preferência o rosto. Secavam rapidamente as pústulas, tornando-se como que em escamas esbranquiçadas para, novamente, amanhã, outra carga eruptiva brotar, martirizando a criança e desolando os pais, que não sabiam o que fazer a fim de curar o filho.

Todos os médicos da localidade foram consultados e especialistas de doenças do sangue e da pele, de duas capitais, opinaram mil suposições, sem que nenhum diagnóstico positivo fosse levantado. Dir-se-ia mal originário de algum vírus marítimo, qualquer coisa maléfica mas ignorada, que o Oceano possui em suas misteriosas entranhas, capaz de imprimir na mente, no fluido que envolve os corpos materiais, no sistema nervoso, na sensibilidade plástica do corpo espiritual daqueles que, desrespeitando a Lei do Criador, procuram a morte física voluntariamente, dando o próprio corpo às suas águas, aos seus maléficos estigmas.

O menino cresceu, tornou-se homem, mas o mal prosseguia inalterável, sem quaisquer melhoras, lento, martirizante, decepcionante.

A esse tempo, porém, pai e filho haviam obtido grande reconforto no estudo e na prática da Doutrina dos Espíritos. A fim de tentar a cura do filho, o pai, havia muito, recorrera ao Espiritismo. Foi-lhe declarado, então, pela palavra consoladora de um amigo espiritual, que o mal era incurável, que a sede desse mal era o perísprito, que se tratava da herança de pecados cometidos em encarnações anteriores e agravada com o erro do suicídio, mas que, após a expiação, horizontes felizes descortinar-se-iam para ambos, raiando, então, a aurora da redenção geral...

O jovem E. desencarnou aos 22 anos de idade, sem jamais obter a cura do seu mal, que a Medicina foi impotente para debelar,- não obstante os sacrifícios dos pais, que tudo tentaram para vê-lo curado, como seria dever. Obteve no entanto, a cura moral-consciencial do próprio Espírito, redimido que fora, pela dor da provação irremediável, dos erros de vidas antigas, sendo, hoje, ardoroso servidor da causa de Jesus, como Espírito errante. Quanto ao pai... sabes quem é, meu caro irmão D. B. Enxuga pois as tuas lágrimas. Não existem razões para elas...

Ernesto calou-se, abençoando, em seguida, os companheiros reencarnados, que choravam ao redor da mesa.

Quanto a D. B., viveu ainda muitos anos, foi servidor do Bem, fundador e diretor de casas de amparo a velhos e mendigos, fecundo orador espírita que sabia expor com ardor e nobreza os grandes temas da Doutrina dos Espíritos, capazes de consolar, dirigir e redimir aqueles

que, reencarnados, trouxeram na consciência a herança de antigos erros contra a Lei de Deus...

CAPÍTULO III UM ESTRANHO CASO DE SUICÍDIO

"Afirmou-lhe Jesus: Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede, pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna. Disse-lhe então a mulher: Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la."

("Jesus e a Samaritana" - João, Cap. 4, v. 5 a 25).

Cada vez mais nos convencemos de que nós outros, espiritistas, devemos dedicar o máximo dos esforços para distribuirmos aos sedentos de amor, de justiça, de consolo, de luzes e conhecimentos espirituais aquele "pão do Céu" que a doutrina de Jesus representa aquela "água viva" de que ele informou à mulher samaritana à beira do poço de Jacó, na cidade de Sicar, na Samaria, água essa que, igualmente, outra coisa não é senão os ensinamentos da sua doutrina, e que incessantemente tem jorrado do Alto a fim de saciar-nos o espírito sempre necessitado.

Ao invés de perdermos tempo em questiúnculas estéreis e divergências doutrinárias de somenos, ou esmiuçar as nossas existências passadas, no incontrolável desejo de sabermos se ontem fomos reis ou príncipes, duquesas ou condessas, mas nunca pedi-dores de esmolas ou assaltantes de estradas, o melhor que temos a fazer é procurar aprender criteriosamente e assimilar, o Evangelho e a Doutrina dos Espíritos, seguimento dele, a fim de distribuirmos com objetividade os seus princípios e finalidades àqueles que, de um modo ou de outro, não têm possibilidade para o estudo dos códigos doutrinários ou não q's possam entender com facilidade.

É o pão espiritual que devemos distribuir, é a água viva que ficará conosco para nunca mais sentirmos sede, principalmente entre os

pequeninos, isto é, essa grande falange de sofredores e revoltados, encarnados ou desencarnados, que das coisas de Deus e do Espírito não têm senão vagas noções ou noção nenhuma. Porque não podemos restringir-nos à distribuição do pão material e à veste do corpo, que a eles vimos fornecendo consoante as nossas posses, o que é sempre necessário e muito louvável.

Somos depositários de um tesouro celeste de ensinamentos fornecidos pelos Espíritos Guias da Humanidade, e o que nos cumpre é consultá-los, aprendê-los e espalhá-los por toda a parte, segundo também as nossas possibilidades, a par da ajuda material, mas com objetividade, clareza, exemplificação, paciência e amor.

Muitos livros espíritas que nos esclareceriam sobremodo, conferindo-nos cabedais racionais e irresistíveis para ajudarmos, expondo o seu conteúdo, aos grandes necessitados de orientação doutrinária, não são sequer consultados pela maioria.

O Espiritismo não é apenas ornamento para acadêmicos, doutores, cientistas, ilustres personagens do planeta. Ele é, acima de tudo, o Consolador enviado pelo Mestre para socorrer os que sofrem nortear os indecisos e ignorantes das coisas de Deus, portador que é de verdades imortais, e para predispor os corações à compreensão das leis da Vida e da Morte, a fim de que o equilíbrio se faça na Humanidade desvairada dos nossos dias.

Os homens em geral precisam saber do que os Espíritos esclarecidos ou não (porque também estes, os atrasados, nos esclarecem muito sobre a vida espiritual) nos revelam em nossas sessões ou narram aos médiuns cujas vidas foram dedicadas ao Senhor, após legítimas renúncias às coisas do mundo. Temos, portanto, muitas coisas a contar e esclarecer, se quisermos empregar bem o nosso tempo, a serviço da causa do Consolador.

Ora, todas estas considerações surgiram de nossas lembranças numa hora de meditação, ao folhearmos o livro de recordações existente em nosso coração. E dele destacamos um caso doloroso de suicídio induzido, provavelmente, na mais absurda ignorância da lei de Deus, e, conseqüentemente, da vida além da morte, ignorância que teria criado uma auto obsessão que arrastaria à obsessão real, pois é sabido que nossos pensamentos maus, ou menos bons, são convites endereçados aos

invisíveis inimigos do Bem, os quais podem aproximar-se de nós e desgraçar-nos por nossa própria culpa.

Que o leitor amigo nos ajude a classificar esse caso de suicídio, porque, em verdade, não sabemos como apreciá-lo. Ei-lo:

Há cerca de trinta e tantos anos, passamos uma temporada na cidade mineira de Pirapora, banhada pelo caudaloso Rio São Francisco. Estávamos na época da guerra e o governo brasileiro chamava os reservistas para o contingente militar que deveria partir para a Itália, integrado nas forças norte-americanas em operação naquele país.

Uma pobre senhora, modesta, simples, honesta, dessa massa sofredora e sem orientação espiritual eficiente, tinha um filho que era a razão do seu viver, as primícias da sua vida, e esse jovem foi convocado a seguir para a Itália, nos batalhões brasileiros.

Muito religiosa, católica, mas sem noções verdadeiras das leis de Deus, fez a veemente promessa, dirigida ao próprio Criador, de dar a própria vida em troca da vida e da saúde do filho, se este retornasse da guerra são e salvo, sem um arranhão sequer. E especificou: se o filho assim voltasse ela se atiraria ao dito rio do meio da ponte (a ponte mede um quilômetro de extensão, talvez mais), durante a primeira enchente que houvesse.

As enchentes do Rio São Francisco, quando as chuvas são abundantes pela região, as verdadeiras enchentes, causam horror ao espectador. É um turbilhão infernal que arrasta na sua voragem cadáveres de animais, árvores inteiras, às vezes, também corpos humanos, destroços de casebres ribeirinhos e grandes serpentes sucuris as quais se assemelham a troncos de madeira arrastados pela correnteza.

Seriam necessários, com efeito, muita coragem, muita convicção de que cumpriria assim um dever, muito amor materno, ou uma obsessão além de desequilíbrio emocional, para que semelhante promessa fosse realizada.

Afirmaram pela cidade que o vigário local, sabedor do estranho voto da sua penitente, aconselhou-a, prudentemente, e com veemência, esclarecendo-a de que Deus não aceitaria tal promessa, que tal voto seria antes blasfêmia, revolta contra os céus; que o suicídio é um crime imperdoável, e ela perderia a própria alma se a cumprisse. E que ela orasse pedindo perdão para tal blasfêmia e se retratasse perante a

bondade do Criador, retirando a promessa e entregando a sorte do filho à misericórdia do Todo Poderoso, como faziam as outras mães, pois não era ela a única que via o filho partir para a guerra em defesa de uma causa justa.

A pobre mãe não compreendia assim. Prometera a própria vida em troca da vida e da saúde do filho e cumpriria a palavra, se ele retornasse são e salvo da Itália. Sentir-se-ia desonrada diante de Deus se se furtasse ao cumprimento do prometido.

Mas a guerra terminara com a vitória dos aliados, entre os quais se achavam os contingentes brasileiros. Os batalhões das forças do Brasil retornaram à Pátria e, com eles, são e salvo, sem um arranhão, o filho da pobre senhora, tal como ela o desejava.

Veio a enchente do rio, na época apropriada. Aconselhada pelo seu confessor, e pelos amigos, a deter-se, ela rondou, rondou o rio pela ponte durante vários dias, mas não conseguiu a devida coragem para precipitar-se à terrível caudal. Entretanto já não era a mesma pessoa. Permanecia arredia de todos, triste, estranha, silenciosa, dizendo-se, apenas a alguns amigos, perjura e covarde perante Deus.

No ano seguinte, porém, não mais vacilou. Quando a enchente encontrou-se no seu mais violento período a pobre mulher atirou-se ao rio, do meio da ponte, e foi arrastada pelo turbilhão, entre as sucuris e os troncos de árvores. Ninguém tentou salvá-la. Para quê? Não seria possível salvação ali. Como classificar esse suicídio?

Auto-obsessão? Obsessão real? Enfermidade nervosa? Revolta contra Deus e a Vida? Ignorância das leis de Deus? Amor materno elevado ao fanatismo? Desequilíbrio mental pelo horror à guerra? Falta de fé em Deus e de resignação? Pois, na nossa constante observação em torno de obsessões e suicídios não encontramos outro igual. É certo, todavia, que as intenções pesam muitíssimo para as leis divinas, embora não cheguem a tudo justificar.

O suicídio de qualquer forma, é um conjunto de desequilíbrios quase inexplicáveis, e só Deus sabe quantos e quantos, por aí, se verificam sem explicações, pelo simples tédio da vida sem Deus, e com a loucura, daí conseqüente. Compreendemos, então, que a nós, espiritistas, que temos a grande responsabilidade de conhecermos todas estas coisas, cabe o dever de transmitir aos simples e pequeninos, que Jesus recomendou,

com maior objetividade e veemência, os tesouros espirituais que o Consolador encerra. Porque os homens precisam conhecê-los a fim de aprenderem o equilíbrio necessário para bem viver e saber morrer em paz.

Os códigos espíritas, inspirados pelo amor do Cristo de Deus, aí estão, esperando nossas consultas cotidianas para aprendermos a falar, em espírito e verdade, a esses pobres e pequeninos que da vida só conhecem, com efeito, as provações e os sofrimentos, como aquela pobre filha de Deus que se atirou às águas do Rio São Francisco, num dia de enchente, em agradecimento aos Céus pelo fato de, o filho querido, ter voltado são e salvo de uma guerra.

CAPÍTULO IV CARMELITA BREVE RECORDAÇÃO DA MEDIUNIDADE

“... então dará a cada um segundo as suas obras.”

(Mateus, Cap. 16, v. 27)

Nesta minha longa existência de adepta militante da grande Doutrina dos Espíritos, tenho assistido a tantos dramas, a tantos acontecimentos chocantes da vida cotidiana dos homens e da vida espiritual dos desencarnados que, se os escrevesse a todos, conseguiria um extenso volume.

O espírita chega a um ponto que não mais pode conservar ilusões. Ele conhece a vida na sua mais eloquente realidade, e quando me refiro à vida incluo também a situação espiritual, o intenso mundo das almas, nossas irmãs, que um dia também foram homens e mulheres, sofreram, amaram, lutaram como nós e até se desesperaram, para sua maior desgraça em Além-Túmulo. Aqui está um desses dramas a que acima me refiro:

Nos primeiros dias do mês de maio deste ano, despertei peia madrugada, vendo à beira do meu leito o Espírito de uma jovem a quem

conheci bastante em minha mocidade, irmã de um amigo meu, já também falecido, chamada Carmelita. Pelo ano de 1938, essa moça suicidou-se por amor, em uma longínqua cidade de Minas Gerais, onde eu residia então.

Diante do meu leito, ouvi que ela me dizia, numa expressão dramática, mas visivelmente resignada e serena ante a própria situação:

"Yvonne, venho agradecer-lhe as preces que tão carinhosamente você tem dirigido a Deus em minha intenção há quase quarenta anos. Ouvi-as sempre, assim como as leituras evangélicas para minha instrução. Consolaram-me muito e reanimaram-me, alguma coisa útil aprendi nessas leituras, as quais agora me ajudam. Venho despedir-me, pois vou reencarnar a fim de expiar e reparar meu pecado..."

.Com uma prece, agradei a gentileza, enquanto ela pedia para não esquecer-la jamais em minhas orações, pois a sua nova existência seria amarga, duríssima.

Ora, nos dias atuais, quando dramas imensos sacodem o homem e a sociedade, exigindo testemunhos decisivos para a seleção dos valores dos povos e dos indivíduos aqui estagiados para as provações, nunca será demais batermos na velha tecla do suicídio. Sem crença definida, sem o amparo de uma fé salvadora de si mesmas, sem confiança nos valores do seu semelhante e sem respeito a Deus e a si próprias, entregues ao impenitente materialismo, que as absorve, as criaturas de Deus facilmente desanimam ante as provações e se deixam resvalar para o abismo da negação, que lhes facilitará todos os excessos, ou se precipitam na trágica voragem do suicídio.

São numerosas as pessoas que me visitam ou escrevem, candidatas ao suicídio. Dentre elas, muitas são jovens mal saídas da adolescência e já descrentes de tudo, absolutamente sem noções do lado belo da vida, gastas já, moralmente, pelos excessos que se permitem. É para essas que escrevo esta crônica, sincera expressão da realidade a que assisti há quase quarenta anos.

Conforme dizia, a irmã do meu amigo chamava-se Carmelita, era gentil e mimosa, com aqueles cabelos louros bem tratados e os olhos luminosos de um puro azul celeste.

Como toda jovem sonhadora, ao completar os vinte anos de idade, Carmelita desejou casar-se, mas foi infeliz na sua pretensão, porque o

candidato não a amava: ele amava, sim, a uma sua irmã de nome Alice, a qual jamais se interessara por ele. Contudo, firmaram o contrato de casamento e os preparativos para as bodas, em três meses, encontravam-se preparados, inclusive o vestido tradicional, e até os doces para os convidados.

Na entre véspera do casamento, porém, o noivo desapareceu de nossa cidade, fugindo para São Paulo sem deixar sequer uma explicação, e nunca mais se soube dele. O que Carmelita sofreu é fato que eu não saberia descrever aqui. Além de tudo, para maior martírio da pobre moça, cuja família lhe era um tanto hostil, seus irmãos a ridicularizavam com gracejos pesados e remoques irritantes, relembrando a fuga do noivo, que não a considerara nem mesmo com uma explicação do seu covarde gesto.

Não obstante, Carmelita recuperou-se. Passou a frequentar sessões de estudos evangélicos em um Centro Espírita onde encontrou amigos que a aconselharam e consolaram muito fraternalmente.

O melhor antídoto para a dor de um amor infeliz sempre foi, em toda parte, o advento de um outro amor, que então passa a ser considerado o mais querido. Outro candidato apareceu, e Carmelita, sentimental, dirigiu a esse segundo noivo as emoções mais puras do coração. Mas, assim entretida e feliz, não mais se lembrava das doces reuniões evangélicas no Centro Espírita que a confortara nos dias adversos. E três anos se passaram por entre dedicações, esperanças, carinhos edificantes, e também temores, ânsias, insônias.

Estavam noivos e finalmente iam se casar.

Um dia, porém, ao fim de três anos de blandícias e ternuras, o noivo declarou-lhe que retirava a palavra empenhada. O pai, capitalista soberbo, não aprovava a união e declarara que o deseritaria se teimasse em se unir àquela criatura tão inferior a ele em fortuna e posição social.

Então, Carmelita desesperou-se.

Após algumas vãs tentativas para a reconciliação, atormentada pelos irmãos, que lhe não perdoavam o novo fracasso, coberta de vergonha diante dos amigos, inconsolável ante o futuro, que se delineava sombrio, a pobre moça ingeriu terrível corrosivo: soda cáustica de mistura com iodo. Levou dois meses a morrer, durante os quais, imóvel sobre o leito, sofrendo dores incalculáveis nas entranhas corroídas pelo tóxico,

desfazia-se em vômitos de envolta com os quais se viam fragmentos do próprio estômago e da garganta, para desespero de sua pobre mãe.

E quando o féretro passou diante da vivenda do ex-noivo, por quem se desgraçara diante de Deus, com o ato do suicídio, este, que palestrava com um amigo, na porta da rua, não se virou sequer para, educadamente, homenagear a morta, que seguia para o Campo Santo.

Creio inútil informar que nós, diretores do Centro Espírita que a acolhera quando do primeiro drama de sua vida, oramos por ela meses a fio, em lágrimas, suplicando ao Senhor misericórdia para o seu Espírito. Cerca de seis meses após seu trágico decesso, despertei, pela madrugada, vendo em meu aposento o vulto venerável de Padre Vítor, um dos amados protetores do nosso núcleo espírita, que em vida fora considerado apóstolo da caridade. Disse-me ele:

- Necessito minha filha, do teu auxílio para Carmelita. Vem comigo, por obséquio.

Caí em transe e segui, desdobrada, o fiel discípulo da Caridade.

Reconheci-me, em seguida, no cemitério da cidade e percebi as cruzes que se elevavam aqui e ali, assinalando os túmulos. Absolutamente nenhum constrangimento me enervava. Era naturalmente que eu me conduzia junto àquele apóstolo.

Vi-me, então, diante de Carmelita: ela sentava-se ao lado do túmulo onde fora sepultado seu corpo, servindo-se de um banquinho, reprodução mental do que existia em sua casa paterna, e que lhe pertencera na infância. Parecia estranhamente traumatizada, tolhida nos movimentos, extática, olhando, para o vácuo sem sequer uma vibração que demonstrasse vida; os olhos, antes tão luminosos e expressivos, agora apagados, como que cegos. Seu dramático vulto espiritual mostrava-se trajado como fora o corpo sepultado: o traje nupcial acrescido de um manto azul e uma grinalda de rosas na frente. Padre Vítor, que ela não destacava do nevoeiro dos seus olhos, disse-me, pois eu ali nada mais era do que o seu médium, como o era em nossas sessões mediúnicas:

- Fala-lhe por mim!

Então, meu Deus! Coragem estranha acionou-me e eu exclamei, dirigindo-me a ela, enquanto se destacavam uma pequena lata de soda

cáustica e um vidro de iodo, que a infeliz entidade segurava com as mãos crispadas:

- Carmelita, minha amiga querida! Volta a ti, em nome de Deus! Vem conosco, atira de tua mente essa lata e esse vidro que te estigmatizam! Não podes ficar aqui, eleva teu pensamento a Jesus, ora, minha filha, e levanta-te daí! Sabes que não possuis mais esse corpo, é preciso separar-te dele definitivamente! Deus é misericordioso, certamente que te ajudará!

Mas ela respondeu, como que automaticamente:

- Deus não existe. É mais uma ilusão que se desfez em minha vida. Tanto orei, pedi seu socorro para meus ideais! Fui esquecida também por ele!

- Desperta, Carmelita! Raciocina, ora comigo! Levanta-te daí, vem conosco e sentirás alívio!

- Não posso despegar-me "dele". "Ele" é meu, tenho que vigiá-lo até o fim, para que o não profanem. Preciso reavê-lo para continuar a vida de outra forma!

- Isso acontecerá mais tarde, quando te reanimares. A misericórdia do Eterno dar-te-á um novo ensejo com um novo corpo, esse que aí está não te servirá mais, está apodrecido, morto!

E eu via, com efeito, o corpo, decompondo-se no fundo da cova, pois, para a visão espiritual não existem barreiras materiais. No entanto, ela parecia não me compreender, tal era a sua perturbação.

Dez anos mais tarde, Carmelita apresentou-se em uma sessão do nosso núcleo espírita, acompanha visão espiritual. Estava serena, confiante, fortalecida pela esperança.

- Adeus, minha boa amiga! Obrigada pelas suas preces tão perseverantes. Somente agora encontro-me em condições para resistir às provações que me esperam. Sofrerei intensamente. Mas é preciso que seja assim, a meu próprio benefício. Não me esqueça em suas orações. Outro corpo foi-me concedido pela bondade de Deus...

E lentamente desapareceu de minha vidência.

E assim foi, meu leitor. Não há condenação eterna, porque Deus não repeliria a sua própria criação. O que há é o cumprimento de uma lei. E, tal como ela é, precisaremos aceitá-la para nossa própria salvação.

CAAPITULO V O REVERSO DA MEDALHA

"Os sofrimentos devidos a causas anteriores à existência presente, como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, sofre o que fez sofrer aos outros." (E.S.E., Cap. 5, item 7)

Lembro-me de que, quando eu contava onze anos de idade, minha mãe me disse, em certo dia:

- Vamos hoje ao Hospital do "Radium", visitar o Capitão Domingos.

- Quem é o Capitão Domingos, mamãe? - indaguei.

- Um grande amigo da minha família, e lhe devemos muitos favores, desde a minha infância. Quando eu e minhas irmãs ficamos órfãs de pai, ele muito ajudou tua avó a acabar de nos criar e a tratar de nossa educação. Devemos muito a ele; é um excelente homem.

Assim recomendado ao meu coração por aquela que de mim merecia todo respeito e confiança, fui ao hospital com o ser envolvido em simpatia e boa vontade. Fiquei, pois, conhecendo o capitão amigo, osculei-lhe a destra, como era hábito das crianças frente aos mais velhos, por aquele tempo; fui acariciada e beijada pelo bom amigo, cuja idade roçaria já pelos setenta e muitos anos, talvez oitenta, e fiquei encantada com a sua polidez de verdadeiro cavalheiro.

O Capitão Domingos era alto e elegante, apesar da idade, cabelos brancos como um tufo de algodão, falava corretamente, com nobreza e distinção impecáveis; tratou minha mãe como a uma filha que lhe era cara. O mal que o levara a hospitalizar-se era um câncer no joelho. Uma feridazinha aparentemente inofensiva, mas, em verdade, terrível ameaça, estigma doloroso que deveria realizar a sua redenção, talvez, de pecador incurso numa das mais graves faltas apontadas pelas leis de Deus: a crueldade para com os mais fracos.

- Eu nada sabia a respeito do belo ancião, a não ser que fora grande amigo de meu avô, médico de sua família, e que à família deste muito se dedicara, após o trespasse do seu chefe. Por isto passei a estimá-lo profundamente, estima que ainda hoje me povoa o coração. Ele permaneceu hospitalizado durante seis meses.

Por aquele tempo, o câncer era tratado com aplicações de "Radium", tratamento perigoso, que poderia mesmo queimar gravemente os

tecidos da parte afetada do doente que se submetesse à dita operação. Mas nada aconteceu com ele e, ao obter alta, o enfermo foi considerado radicalmente curado, tendo seguido para o interior de Minas Gerais com um seu filho bem situado na vida. Durante algum tempo, não soubemos nenhuma notícia do Capitão Domingos.

Com o decorrer dos dias, porém, minha mãe, cujas lembranças do passado se avivaram com o reencontro do querido amigo, passou a desfiar o rosário dos acontecimentos pretéritos ocorridos em torno do amigo.

O Capitão Domingos fora um grande senhor de escravos, proprietário de duas fazendas, rico, bem relacionado e muito culto. Adorava os filhos e as duas esposas que tivera, pois se casara duas vezes, além de ser bom e serviçal amigo para aqueles que lhe mereciam os afetos, embora cruel para com os pobres escravos, os quais, para ele, valiam menos que os próprios animais.

Em suas fazendas, raros eram os dias em que os castigos não flagelassem os escravos, e dramas constantes constrangiam os hóspedes que porventura estivessem ali em visita, ocasiões em que se demoravam, por vezes, meio ano, como de costume naqueles tempos de vida aristocratizada. Mesmo minha mãe e suas irmãs ali passavam meses sobre meses, pois o grande senhor, qual pequeno condestável moderno, aprazia-se em manter uma corte em seus domínios, e festas suntuosas então se realizavam, inspiradas na elegância e no encantador gosto franceses, que os brasileiros de então muito apreciavam.

Mas, a par dos belos saraus, onde a música dos grandes mestres sempre se encontrava presente, permanecia o paradoxal trato aos negros, os quais, como alicerces daquele brilhantismo social, deviam, ao menos por interesse, ser bem tratados, a fim de que o trabalho dos seus braços não esmorecesse, já que era dos seus sacrifícios na enxada ou no labor doméstico que surgiam aqueles aparatos que, aos seus comensais, eram apresentados.

Havia uma grande varanda no fundo de uma das suas salas de jantar, pois existiam três no sobrado, onde, de preferência, vivia ele com a família e os hóspedes. Nessa varanda, passavam o dia vários meninos escravos de tenra idade, já protegidos pela Lei do Ventre Livre, vigiados por uma escrava idosa, que deles tratava, enquanto as mães trabalhavam

no campo, e ela própria costurava ou tecia no crivo para uso das senhoras, vez que ociosa não poderia permanecer. Se o Capitão Domingos, por ali passasse e visse algum desses "molequinhos" chorando, dava-lhes um pontapé tão vigoroso que a infeliz criança muitas vezes, rolava a escada existente num extremo da dita varanda, magoando-se ou ferindo-se.

Certa vez, ele descobriu oculto num vão de parede, no pátio, um ferro de engomar quebrado. Informou-se e soube que a responsabilidade do "desastre" cabia a escrava Rita, ama de leite que lhe criava os filhos, e engomadeira da casa. Ordenou, então, que o capataz lhe aplicasse bolos nas mãos até que ela adivinhasse a razão por que sofria o castigo, pois ele não dissera o motivo pelo qual ordenara naquele sentido. Rita, chorando, teve as mãos horrivelmente inchadas, feridas, sangrando, até que se lembrou do ferro de engomar quebrado. Mas, em seguida, sofreu mais uma dúzia de bolos porque, provavelmente, sabia por que apanhava e não queria confessar...

De outra vez, mandou chicotear um escravo, já idoso, no pelourinho existente no pátio interno. Aquilo - dizia minha mãe - era verdadeira Inquisição! O negro retorcia-se, gemia, implorava perdão, chorava, bradava a Deus por socorro. Minha mãe, então menina de doze anos, encontrava-se na fazenda e assistia ao drama. Teve um acesso de desespero, um ataque de nervos diante da horrível cena. Em dado momento, desceu as escadarias aos gritos, atingindo o pátio; arremessou-se sobre o capataz e pregou-lhe uma dentada na mão com tal furor que o algoz teve de interromper o suplício, pois o sangue jorrou. Por pouco a dentada não lhe arrancara um naco de carne da rude mão. Mas, fora tarde aquele socorro insólito. O negro desfaleceu e foi removido para a enfermaria da própria fazenda, enquanto minha mãe, aos gritos, debatia-se em terrível crise nervosa.

Três dias depois, o escravo morria sem ter recuperado os sentidos, "deitando os miolos e sangue pelos ouvidos", segundo o diagnóstico de meu avô, médico da fazenda.

Mas, o tempo passou... Antes mesmo de romper a Lei Áurea, o Capitão Domingos perdeu as duas fazendas, tornando-se paupérrimo, porque endividado. Os filhos, agora pobres, buscaram meios de subsistência em outras cidades, e as duas filhas, casadas, haviam morrido.

O capitão, já velho, sem saber trabalhar, reduziu-se a viver de casa em casa, assim ajudado por antigos comensais. Rita, a mulatinha, agora casada com um antigo capataz espanhol que lhe comprara a carta de alforria, compadeceu-se do antigo senhor e acolheu-o em sua casa durante muito tempo. Até que um seu filho, já bem posto na vida, recambiou-o para o seu próprio lar, cumprindo o dever filial. Mais alguns anos, já na República, ali pelo ano de 1920, seguiu-se a hospitalização devida ao câncer do joelho.

Dois anos depois de receber alta do "Hospital do Rádium", o câncer voltou. Mas retornou na região da cabeça, no cérebro. O belo ancião Domingos passou dois anos em gritos, tais as horrorosas dores que o flagelavam sem alívio, porque, se a medicina atual não resolve tais casos, muito menos os resolvia a medicina de quarenta ou cinquenta anos passados. E, um belo dia, o antigo fazendeiro morreu, em casa do filho, em Minas Gerais, "deitando sangue e miolos pelos ouvidos", segundo o diagnóstico dos médicos assistentes. Um violento tumor canceroso no cérebro chegara mesmo a rachar-lhe o crânio, segundo a palavra do próprio filho, em cujo lar morrera.

O eminente pensador Pieter Van der Meer asseverou que "todo encontro com outro ser humano tem sentido, e deve significar algo, no plano da criação de Deus". Assim deve ser.

Jamais pude esquecer a bela figura do Capitão Domingos. Estimei-o muito, apesar de vê-lo uma única vez, agradecida à sua grande bondade dedicada à minha mãe e sua família, quando lhes faltou o chefe querido. Essa ternura ainda hoje vive em meu coração.

Chorei muito, quando do seu trespasse para o Além, penalizada pelo seu grande sofrimento. E, durante quinze anos, orei diariamente pela paz de sua alma.

Tornei-me espírita militante, presidente de trabalhos em sessões mediúnicas. Certa noite, durante uma sessão daquela natureza, tive a surpresa de constatar a incorporação do seu Espírito em um médium que absolutamente não o conhecia, e junto a quem eu jamais tocara em seu nome ou nos acontecimentos pretéritos.

Devo declarar que minha mãe e minhas tias informavam que o Capitão Domingos, em sua fazenda, interrompia, por vezes, os seus brilhantes saraus, a fim de praticar a experiência das "mesas girantes",

para conversar com os Espíritos, o que muito divertia os convidados, e que somente se abstera dessa prática depois que o Espírito de sua primeira mulher se comunicara por essa forma, pedindo que não mais fizessem tal experiência, pois se tratava de uma ciência importante e muito séria, destinada por Deus ao bem da Humanidade. E que, em sua biblioteca existiam os volumes da codificação do Espiritismo, mas que ele os lia como curiosidade, sem medir o alcance do que tinha em mãos.

Ora, a comunicação do belo ancião foi dolorosa e comovedora. Arrependido, torturado de remorsos pelo trato aos escravos, tendo diante de si, sem interrupção, a fazenda, o pátio dos suplícios, o pelourinho, os gritos daqueles mártires, filhos de Deus, como ele, seus sofrimentos eram superlativos e Inconsoláveis.

Depois de longa conversação, durante a qual apresentei-lhe a esperança e o consolo fornecidos pelo próprio Consolador, e notando o médium já fatigado, foi feita a prece para que a piedade do Eterno permitisse a presença de um amigo espiritual, um instrutor que orientasse o Capitão em sua nova caminhada, onde ele se encontrava só, abandonado, desorientado.

Passados alguns minutos, durante os quais se adivinhava que a mão do Cristo de Deus se espalmava sobre aquela reunião, apresentou-se o Guia solicitado, através de outro médium, um só, e esse Guia era, nem mais nem menos, o negro escravo que desfalecera no pelourinho, surrado a chicote por sua ordem.

O Capitão Domingos, em Espírito, envergonhado, surpreso, atordoado e desfeito em lágrimas, acompanhou para o Além o antigo escravo, que murmurava aos seus ouvidos, antes de partir, a nós outros permitindo-se também ouvir:

"Tem paciência, Nhonhô, isso passa... Deus é nosso bom Pai!..."

Oh, meu Deus! Os homens precisam saber destas coisas para que aprendam a respeitar o próximo como a si mesmos!

O que aí fica meus amigos, não é fantasia, romance para propaganda espírita. É a realidade assistida e vivida por numerosas testemunhas do passado. Se os homens sofrem, em qualquer tempo, é porque desprezam as advertências do Senhor, nosso Mestre e Educador, pois entre outras advertências sobre qual deva ser o nosso procedimento para com os outros, há também estas:

"Na verdade vos afirmo que sempre que vós o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes." (Mateus, 25, v. 40)

- "Vede, não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus veem incessantemente a face de meu Pai, que está nos Céus." (Mateus, 28, v. 10)

Nos dias atuais, é muito provável que o Capitão Domingos esteja reencarnado nas hostes espíritas, pois não foi de todo mau, e soube também amar e servir à própria família e os amigos, embora desprezasse os pequeninos, além de ter conhecido o fenômeno espírita através das mesas girantes, e possuído e lido a codificação do Espiritismo. Esforçar-se-á, por certo, agora, por socorrer, carinhosamente, as crianças pobres e abandonadas, os velhos sem recursos e os doentes, assim resgatando os erros de ainda ontem, nos serviços santos da caridade, "que cobre uma multidão de pecados".

Terrível, no entanto, será se também ele estiver por aí, a imaginar-se um missionário do Cristo, ou, pelo menos, algum Carlos IX, Rei da França, como existem vários; algum Lord da Inglaterra, ou um imperador de qualquer parte.

Graças aos céus, "Deus não quer a morte do ímpio, mas sim que ele se converta do seu mau proceder e viva..."(5)

(5) De acordo com Ezequiel XVIII, v. 23 e XXXIII, v. 11. 61

CAPÍTULO VI O FLAGELO DO SÉCULO

"Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal"?

- Pode, visto que tais espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos; os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem.

("O Livro dos Espíritos", Cap. 8, item 467)

Não resta a menor dúvida de que a obsessão é o flagelo do Século XX. Isso mesmo foi dito pelo eminente espírita Léon Denis, em suas

obras. O estado atual da sociedade, quando vemos o "espírito das trevas" agindo em todos os setores, coletivamente, também foi profetizado por esse grande inspirado, colaborador de Alan Kardec. Nunca é demais, portanto, rebaftermos nessa desagradável tecla, lembrando aos espíritas a urgente necessidade de se habilitarem moral, mental e doutrinariamente, quanto possível, para difundirem os ensinamentos apócrifos que, em nome do Espiritismo, vemos espalhados pelos quatro ventos como verdades ditas por respeitáveis entidades protetoras.

A obsessão merece dos verdadeiros espíritas as mais acuradas atenções. Ela já se infiltra até mesmo "no seio dos santuários", isto é, nos templos religiosos como nos templos espíritas pouco vigilantes, promovendo ciúmes entre seus componentes, vaidades, dissensões, mal-entendidos, "reformas doutrinárias" e demais operosidades que contrariam os postulados da Doutrina, haja vista o que, no momento, se passa, quando detectamos agrupamentos espíritas, dantes vistos e reconhecidos como templos, a exercerem o perfeito intercâmbio espiritual, hoje reduzidos a meros clubes onde verificamos de tudo: abusivas e inaceitáveis compras e vendas de "lanches" e merendas, festas e cânticos, burocracia intransigente, diversões, recreios, mas não a "casa do Senhor", de onde os protetores Espirituais se retiraram, e onde não mais contemplamos aquelas autênticas atividades próprias do Consolador, que eram o testemunho da presença do Cristo entre nós.

E não se falando na "mania", ora em exercício, de "modificar", "renovar" e "atualizar" a Doutrina dos Espíritos, que, pelo visto, deixou de agradar àqueles que acima dela desejam colocar a própria personalidade.

Afirmam os adeptos de tais movimentações que o Espiritismo "evoluiu", e que tudo isso não é senão o "progresso" da Doutrina. Mas tal asserção é insana, pois que a lógica e o bom senso indicam que a evolução do Espiritismo seria, em parte, a vinda de outras revelações do Alto, a comunhão perfeita do Consolador com os homens, a pesquisa legítima e séria, e não a deturpação que vemos nos ambientes que devem ser consagrados ao intercâmbio com o Alto, onde consolamos os mais infelizes do que nós, e onde somos consolados e instruídos por aqueles seres angelicais que nos amam e que, há milênios, talvez, se esforçam por nos verem redimidos de tantos erros.

Certamente que muitos núcleos espíritas se conservam afinados com as forças superiores do Alto, movimentando-se normalmente, sem as intromissões indevidas, que só podem desfigurar os ensinamentos que temos todos tido a honra de receber dos códigos doutrinários.

Acreditamos mesmo que a maioria ainda não tenha sido atingida pelas vaidades, pela burocracia, pelos prejuízos do mundo, enfim. Mas o número avantajado dos que aderiram ao nefasto movimento aqui lembrado é, com efeito, desolador. Tudo isso outra coisa não é senão a intromissão das trevas, fruto infeliz da invigilância, da não-assimilação da Doutrina por parte daqueles que, "abraçando-a", esqueceram a auto reforma, deixando de assumir a grande responsabilidade que essa Doutrina representa para aquele que a aceita.

Porque o fato de ser espírita não é apenas dirigir um centro de estudos ou experimentações mediúnicas, subir a uma tribuna e dizer coisas belas, mesmo porque o Espiritismo é sempre belo de dizer; nem mesmo fornecer semanalmente tantas ou quantas sacolas de gêneros alimentícios ou vestuários aos necessitados. Esse benefício, realmente louvável, também o fazem adeptos de outras convicções ou de nenhuma convicção, livres-pensadores, materialistas e até ateus. Muitos destes, que conhecemos, dão até com a mão direita sem que a esquerda veja, observando um preceito cristão altamente humanitário.

O fato de se dizer espírita é também zelar pelo patrimônio que nos foi concedido pela Revelação, respeitar e praticar, com autenticidade e exemplos bons, os ensinamentos superiores, os quais há um século recebemos do Alto, é assimilarmos esses mesmos ensinamentos livres de sofismas e ideias pessoais que a vaidade inspira; é sermos humildes de coração e dignos da assistência espiritual que não cessamos de rogar, aprendendo com o Mestre as qualidades que de cada um de nós poderão fazer um discípulo verdadeiro, e não falsos profetas que deturpam tudo aquilo que nos códigos doutrinários encontram.

No atual momento, cremos que o que de mais urgente precisamos fazer é nos habilitarmos a fim de reaprendermos, porque isso foi esquecido, a evitar e combater a obsessão, quando ela já se infiltrou no indivíduo ou no centro espírita. Nossas atenções precisam voltar-se para esse setor, um dos mais importantes e humanitários da Doutrina Espírita.

Hoje em dia vemos, com tristeza, que muitos médiuns têm medo dos obsessores, sendo que alguns nem mesmo oram por essas entidades, tal o terror às vezes infundado que sentem. No entanto, esses Espíritos são grandes sofredores, sedentos de amor e proteção, irmãos nossos, filhos de Deus, extremamente necessitados do nosso auxílio, pois possuímos tudo para fornecer-lhes. Os ensinamentos que a jorros temos recebido não serão, certamente, para nosso deleite, embelezando-nos a mente apenas, mas para socorrermos com eles os necessitados do pão espiritual também do Invisível.

Espíritos obsessores são famintos de pão espiritual e nem sempre culpados e maus como o nosso exagero e o nosso terror nos fazem vê-los. São, comumente, grandes injustiçados, grandes ofendidos, feridos no que tiveram de mais caro ao coração, carentes da nossa afeição. Se os amarmos, se por eles orarmos com a sinceridade com que oramos por um ser querido, se possuímos confiança no Cristo de Deus, eles se tornarão nossos amigos e nenhum mal nos farão, porque o grande remédio para combatê-los é o Amor!

A "obsessão" - na palavra do eminente Guia Espiritual Bezerra de Menezes - "nada mais é do que uma troca de vibrações afins." Se somos obsediados é porque queremos ser obsediados. O próprio Jesus advertiu que aquele que procura acha, a quem bate abrir-se-á. E essas admiráveis sentenças, que vemos no Capítulo VII do evangelista Mateus, v. 7 a 11, tanto nos instruem sobre aquilo de bom que procurarmos como também sobre o mal que procuramos com os nossos próprios passos; tanto se nos abrirão as portas do bem, se nela batermos, assim como as do mal, se as preferirmos. Impiedade será, portanto, deixarmos de orar por esses irmãos tão necessitados do auxílio dos nossos corações, tornando-os indiferentes à sua desgraça. Lembremo-nos de que eles somente nos perturbam, deturpando os nossos centros espíritas ou infelicitando a nossa vida, porque nós mesmos os atraímos com as nossas paixões inferiores, a nossa invigilância, própria dos que não se esforçam para bem assimilar o Consolador.

Em nome da Caridade Cristã, portanto, roguemos uns aos outros a esmola da prece do coração para esses desesperados irmãos do plano invisível que, impulsionados pelas nossas ruins paixões, invigilância e indiferença, hoje infelicitam os indivíduos, as nações, os povos, as

famílias, os jovens, as próprias religiões, os nossos centros espíritas, que negligenciam as atenções devidas à Doutrina que recebemos.

Para o combate a tão grande mal será necessária a reação de um grande amor a Deus e ao próximo.

É preciso educar médiuns, aproveitando-lhes as possibilidades porventura existentes, a fim de socorrê-los, socorrendo a nós próprios, pois que, para tão alta operosidade, são indispensáveis médiuns especiais, de alto gabarito moral, mental e afetivo. É preciso aprender com o Cristo de Deus a fornecer o pão espiritual também a esses pobres execrados, quando a verdade é que eles foram homens e mulheres como quaisquer outros filhos de Deus, apenas um pouco mais feridos pela sociedade e pelos próprios indivíduos.

"Em verdade vos digo: Todas as vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, deixaste de tê-la para comigo mesmo."

Meditemos sobre isso, e fortaleçamos nossa fé. Ninguém fará esse trabalho por nós.

CAPÍTULO VII A OBSESSÃO E O EVANGELHO

*"Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?
- Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelindo a influência dos espíritos inferiores..."
(“O Livro dos Espíritos”, Cap. 9, item 469)*

Em verdade, foi o Evangelho que, popularmente, primeiro instruiu o homem sobre a obsessão e sua cura, não obstante existirem exemplos de curas desse mal fora do Evangelho e bem anteriores a ele. Nós outros, porém, vamos aprender ali a retirar o obsessor com a imposição das mãos e a palavra firme da fé, sem, no entanto, dialogar com ele, através da aplicação dos chamados passes. E, dessa forma, vários espíritas e muitos médiuns têm agido a bem do próximo mais vezes do que eles próprios presumem. Mas, para que tal sucesso consigamos, certamente

uma iniciação necessitaremos fazer antes das tentativas, habilitando-nos para o espinhoso certame, mormente o espírita que aprendeu a prática do intercâmbio direto com as personagens do mundo invisível.

O trato com obsidiados e obsessores nem é fácil nem o poderemos tentar sem garantias. Tais garantias serão, inegavelmente, a ressurreição dos nossos próprios valores morais, a reeducação dos nossos princípios e costumes, se os mesmos não se pautarem pelo padrão exposto nos Evangelhos, pois tais responsabilidades certamente não caberão a personalidades comuns ou medíocres, e, sim, a caracteres fortes; moral elevada ou, pelo menos, o esforço contínuo de nos moralizarmos, ressurgindo para Deus, a cada dia; a observação do sagrado sentimento do amor a Deus e ao próximo; os princípios sólidos da fraternidade; a prática do bem exemplificada nos Evangelhos, enfim, a aquisição da vontade, ao menos, de nos batizarmos naquela moral superior cujo modelo nos veio de Jesus Cristo, a par da certeza de uma assistência espiritual autêntica e de um meio ambiente não profanado pelo tumulto, isto é, um centro espírita, cujas vibrações equilibradas e favoráveis permitam o êxito dos trabalhos, sem falarmos ainda no "dom de expulsar demônios" ou seja, obsessores, de que os Evangelhos tanto falam. E é justamente a ausência dessa moral e dessas condições ambientes que nos impedem de curar as obsessões nos dias presentes, conforme devíamos e poderíamos curar.

Não obstante, e apesar dos percalços que nos afligem, muitos e muitos doentes obsidiados têm sido curados pelo Espiritismo, mas com o concurso das sessões chamadas mediúnicas, quando a presença dos Espíritos Guardiães é manifestada ao nosso lado e a assistência do Alto prodigaliza meios para o bom êxito da empreitada. São então eles, os Espíritos Guardiães, que realizam a melindrosa operação servindo-se de nós outros como instrumentos, porquanto necessitamos dessa instrução e o nosso progresso moral, a nossa dignidade espiritual exigem de nós que sejamos colaboradores do Cristo, ou da lei divina, para auxílio ao próximo e progresso moral do planeta, além de que a vida espiritual tem de ser revelada ao mundo.

Muitas narrativas dos Evangelhos se referem à obsessão e será útil meditar sobre elas, porquanto muito lucraremos com esse aprendizado, visto que fatos por assim dizer idênticos se passam em nossas sessões

práticas de Espiritismo, enquanto vemos em livros ditados mediunicamente os mesmos fatos narrados pelos mestres espirituais. No Evangelho de Marcos - que é chamado de "o evangelista das curas feitas por Jesus", pois quase todo o seu pequeno livro, que consta de apenas dezesseis capítulos, parece se particularizar na descrição daqueles feitos do Mestre - existem referências que facilmente poderemos cotejar com o que hoje se passa em nossas sessões espíritas e também no dia-a-dia da sociedade.

Vejamos o seguinte drama evangélico: "...Depois, aproximando-se dos discípulos, viu ao redor deles grande multidão, e os escribas a discutirem com eles. Todo aquele povo, vendo de surpresa a Jesus, acorreu a ele para saudá-lo. Ele então lhes perguntou:

- Que estais discutindo com eles? Respondeu um homem dentre a multidão:

- Mestre, eu te trouxe meu filho, que está possesso de um Espírito imundo, surdo e mudo. Este, onde quer que o apanhe, lança-o por terra, e ele espuma, range os dentes, e fica endurecido. Roguei a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não o puderam fazer.

- Ó geração incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos hei-de aturar? Trazei-mo cá.

Então lhe trouxeram. Assim que o menino avistou Jesus, o Espírito o agitou fortemente, caiu por terra e revolveu-se espumando. Jesus perguntou ao pai:

- Há quanto tempo lhe acontece isto?

- Desde a infância, respondeu-lhe o pai, e tem-no lançado muitas vezes ao fogo e à água, para o matar. Se tu, porém, podes alguma coisa, ajuda-me, compadece-te de nós!

Replicou Jesus:

- Se puderes crer, tudo é possível àquele que crê.

Imediatamente exclamou o pai do menino:

- Creio Senhor! Vem em socorro à minha falta de fé!

Vendo Jesus que o povo afluía, intimou o Espírito imundo dizendo-lhe:

- Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai deste menino e não tornes a entrar nele.

E o Espírito, gritando e maltratando-o violentamente, saiu. O menino ficou como morto, de modo que muitos diziam: Morreu! Jesus, porém, tornando-o pela mão, ergueu-o e ele levantou-se. Depois de entrarem em casa, os seus discípulos perguntaram-lhe em particular:

- Por que não o pudemos expulsar? Ele disse-lhes:

- Essa espécie de demônios não se pode expulsar, senão pela prece e pelo jejum".(6)

(6) *Marcos, Cap. 9, v. 14 a 29; Mateus, Cap. 17, v. 14 a 21; Lucas, Cap. 9, v. 37 a 43.*

O trecho que acabamos de transcrever é, incontestavelmente, uma das mais belas narrativas dos Evangelhos, belas e significativas. Nele vemos a familiaridade da crença nos Espíritos, a simplicidade da conversação comum sobre o assunto transcendente, a exposição de uma narração terrível, cujo obsessor quer levar o obsidiado à desgraça pela desencarnação violenta, para mais facilmente apossar-se dele. Vemos a dificuldade da cura, conseguida somente pela autoridade irresistível do próprio Jesus, a violência com que o obsessor tratava o infeliz menino, a pressão magnética poderosa sobre os órgãos vocais da vítima, tornando-a muda para que não falasse e pudesse identificar o algoz. Trata-se, pois, de uma narrativa que mostra, por assim dizer, a técnica da obsessão também conhecida nos dias atuais.

Veze sem conta os espíritas veem repetir-se tais casos nos seus núcleos de trabalho, solicitados para a tentativa de cura, ou alhures. E quantas vezes somos testemunhas de que o obsessor leva ao suicídio o seu adversário de passadas existências, não apenas atirando-o ao fogo ou a água, como especifica Marcos, mas sob as rodas de um trem de ferro, do alto de edifícios imensos, ou de montanhas elevadas, etc?

Quantas mães e quantos pais procuram centros espíritas e médiuns, também banhados em lágrimas, buscando alívio para os filhos atormentados pelos maus Espíritos, como o pobre homem socorrido por Jesus!

Os numerosos desastres de automóveis, que vêm ceifando a mocidade atual, desorientada pela descrença em Deus e o desconhecimento das coisas espirituais, não têm outra causa senão a

influência obsessora sobre aqueles que, invigilantes e despreocupados, dão entrada ao mal pelos abusos de todos os tipos de inconveniências que se permitem, em prejuízo próprio.

Muitos casos de obsessão são dados como epilepsia. Mas a verdade é que a maioria deles é resolvida depois de algum tempo de tratamento psí-quico-espírita, quando um obsessor é desmascarado e afastado pela misericórdia de Deus! Outros são incuráveis porque casos há em que é a moral espiritual do obsidiado que se acha em reajustamento com o plano divino através daquele duro processo: a expiação.

O espírita dedicado ao estudo e ao setor de operosidades espirituais conhece bem de perto a semelhança dos casos assistidos no humilde segredo das suas sessões experimentais e os narrados pelos Evangelhos. Se, em determinados casos, o Espírito imundo, ou obsessor, se afasta violentamente, também nós outros o vemos contorcer-se em convulsões, o vemos vociferar e espumar para logo depois deixar o médium, ou o obsidiado, como morto. E o operante, que conhece os Evangelhos e as instruções dos mestres da Doutrina Espírita, e sabe do modo pelo qual Jesus operava em casos idênticos; o espírita, possuidor da verdadeira fé em seu Mestre, que ora e vigia em torno da própria moral, que sente o coração arder de respeito a Deus e amor ao próximo, e que, por isso mesmo, está assistido pelos Protetores espirituais, não vacila na sua confiança: apela para Jesus e desperta o paciente.

Jesus é o Mestre perfeito que devemos procurar seguir, pois é Ele próprio quem nos ensina a prática do Bem e da Caridade, e socorrer um obsidiado e o seu obsessor é das mais sublimes ações caritativas que poderemos praticar, além de ser eficiente divulgação das virtudes do Consolador, a Doutrina que tanto amamos.

No entanto, tal trabalho, a principio frequente nos centros espíritas, vem decrescendo lamentavelmente dia-a-dia, quando a Humanidade tanto necessita dele, visto que as obsessões nos dias atuais são como que epidêmicas.

Necessariamente, haverá razões para esse lamentável decréscimo de possibilidades para a sua cura, vejamos:

Falta de verdadeira dedicação daqueles que tudo teriam para realizar tais serviços.

Fraqueza dos médiuns, que temem contatos com os "Espíritos imundos", quando o dever é amá-los e servi-los pelo amor de Deus, pois esses "Espíritos imundos" também sofrem e necessitam de consolo e proteção, também eles são filhos de Deus, nossos irmãos a quem devemos auxílio, como colaboradores do Cristo que pretendemos ser, além de que, como eles, assim mesmo procedemos contra o próximo, em anteriores existências, e fomos assistidos pelas almas boas.

Falta de ambientação adequada de grande número de centros espíritas, que se entretêm mais nos serviços pertinentes à vida material do que nos transcendentais trabalhos espirituais e, acima de tudo, falta de conhecimentos mais dilatados da Doutrina Espírita por parte de diretores de centros, sem falarmos dos sentimentos de amor, fé, humildade, abnegação, esquecidos de que o posto de um médium, ou daqueles espíritas afetos ao intercâmbio com o Além Túmulo, é um posto de sacrifícios, posto espinhoso, sim, mas sublime, porque daí poderá advir a felicidade espiritual com que tanto sonhamos.

Servir a obsidiados e obsessores é seguir as passadas do Cristo de Deus, é ser colaborador Seu, e por isso o espírita deve cumprir esse dever de amor junto ao seu Mestre.

Quanto ao jejum a que se refere Jesus é evidente que não será o jejum físico, material, que abole determinadas substâncias alimentícias em ocasiões especiais. Sabemos todos que a força principal com que é dominado um obsessor é fornecida pelas virtudes morais-espirituais daquele que cura a obsessão sob os auspícios dos mensageiros do Senhor. Jejum alimentar sem jejum mental e morai não tem eficiência e nada absolutamente será capaz de conseguir de meritório em tal setor aquele que apenas observar o jejum alimentar.

E, aquele que admoestou os fariseus do seu tempo sobre o formalismo do jejum alimentar, que eles sistematicamente observavam, despreocupados da aquisição de virtudes - Jesus - que era criticado pelos observadores maliciosos por não jejuar e não consentir que seus discípulos jejuassem, não poderia, certamente, referir-se ao jejum alimentício, naquela cativante narrativa acima citada.

Seria, portanto, o jejum espiritual e moral a que o Mestre se referia: vigilância mental, serenidade do coração, fé inabalável, estado constante de vibrações sadias, harmonizadas com o plano espiritual, permanência

afetiva do coração para as coisas de Deus e do próximo, um modo de vida, finalmente, o mais equilibrado e sensato possível, senão virtuoso, e se jejum material deve haver este será, certamente, a abstinência do álcool, do fumo, dos abusivos deleites sexuais, da gula, que dificulta a digestão e, certamente, rebaixa as vibrações; do convívio ocioso e pernicioso de certos meios sociais dissolutos e outras tantas particularidades que podem igualmente dificultar e até impedir os melindrosos intercâmbios com as almas habitantes do mundo invisível.

Não devemos, portanto, esquecer: o espírita, médium ou não, que deseja praticar, realmente, os serviços que a Doutrina dos Espíritos lhes confere, tem de se renovar moralmente para se tornar digno de ser chamado discípulo do Cristo de Deus.

Quem nos inteira do importante caso que se segue, "O possuído da legião", é ainda o evangelista Marcos. Não resta dúvida de que é longa a citação. Não obstante, devemos elevar e circunstanciar qualquer estudo que façamos e, em se tratando do Evangelho e da Revelação Espírita, mais valioso ainda será o aproveitamento. Diz Marcos:

- "Entrementes, chegaram à outra margem do mar, à terra dos gerasenos. Ao desembarcar, logo veio dos sepulcros, ao seu encontro, um homem possesso do Espírito imundo, o qual vivia nos sepulcros, e nem mesmo com cadeias alguém podia prendê-lo; porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram quebradas por ele e os grilhões despedaçados. E ninguém podia subjugá-lo. Andava sempre, de noite e de dia, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras. Quando, de longe, viu Jesus, correu e o adorou, exclamando com alta voz: "Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes". Porque Jesus lhe dissera: "Espírito imundo, sai desse homem!" E perguntou-lhe: "Qual é o teu nome?" Respondeu ele: "Legião é o meu nome, porque somos muitos." E rogou-lhe encarecidamente que os não mandasse para fora do país.

Ora, pastava ali pelo monte uma grande vara de porcos. E os Espíritos imundos rogaram a Jesus, dizendo: "Manda-nos para os porcos, para que entremos neles." Jesus o permitiu. Então, saindo os Espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada, que era cerca de dois mil, precipitou-se despenhadeiro a baixo, para dentro do mar, onde

se afogou. Os porqueros fugiram, e o anunciaram na cidade e pelos campos.

Então saiu o povo para ver o que sucedera. Indo ter com Jesus, viram o endemoninhado, o que tivera a legião, assentado, vestido, em perfeito juízo: e temeram. Os que haviam presenciado os fatos contaram-lhe o que acontecera ao endemoninhado, e acerca dos porcos. E entraram a rogar-lhe que se retirasse da terra deles. Ao entrar Jesus no barco, suplicava-lhe, o que fora endemoninhado, que o deixasse' segui-lo. Jesus, porém, não lhe permitiu, mas ordenou-lhe: Vai para a tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez, e como teve compaixão de ti. Então ele foi, e começou a proclamar em Decápolis tudo o que Jesus lhe fizera; e todos se admiraram."(7)

Na citação acima vemos um legítimo diálogo entre Jesus e o obsessivo, o "Espírito imundo", denominado pelo evangelista.

Idênticos diálogos são ouvidos pelos espíritas praticantes, durante as sessões mediúnicas para tratamento de obsessão, se o dirigente é minucioso e deseja investigar em torno do caso, pois temos tal direito e até dever, se o nosso propósito é a beneficência, a instrução doutrinária e a análise sobre os acontecimentos da vida espiritual.

"Que nome é o teu?" pergunta Jesus ao obsessivo de posse do médium obsidiado.

Mas, como todo obsessivo que se vê surpreendido e desmascarado, aquele responde com uma evasiva, tal como vemos nas nossas reuniões, quando tais entidades também se negam a identificar-se.

(7) Marcos, Cap. 5, v. 1 a 10; Mateus, Csp. 8, v. 28 a 34; Lucas, Cap. 8, v. 26 a 39. Tradução de João Ferreira de Almeida.

"Legião é meu nome!" - responde o Espírito a Jesus.

Ele, porém, não ignora quem Jesus é, não obstante a sua triste condição moral. Sabe que Jesus é o Filho do Deus Altíssimo, que possui poder sobre ele, e até mesmo se humilha, apavorado, suplicando que o Mestre o "não lance fora do país".

Muitos e muitos obsessivos que se comunicam em nossas sessões sentem horror à ideia de serem banidos dos limites terrenos para os estágios no Invisível, onde serão reeducados sob disciplinas austeras.

Não concordam, de modo algum, em abandonar os âmbitos terrenos, onde, ao que parece, podem permanecer à vontade, atraídos pelos vícios e paixões dos homens.

Também os obsessores atuais sabem que Jesus é o Filho do Deus Altíssimo e o Mestre da Humanidade, mas demoram a se submeter à necessidade da emenda, temendo, justamente, a consequência dos seus desatinos contra o próximo nos ambientes do Invisível, onde enfrentarão a própria consciência e, logicamente, sofrerão o peso da maldade praticada. Com efeito, para que uma criatura humana, possuidora de uma vontade própria, um raciocínio e um livre arbítrio, se visse assim submetida, a ponto de habitar sepulcros, sem poder reagir contra tal domínio, seria necessário que Espíritos maléficos a envolvessem.

Entrementes, nós chamamos "falanges obsessoras" a legião referida pelo evangelista. Conhecemos bastante os similares da atualidade e sabemos como operam. Não é que todos os obsessores que formam a falange se apossem do obsidiado. Este ficou como que prisioneiro deles, envolvido em suas faixas vibratórias tenebrosas, com as quais se afinou, e, assim dominado, sugestionado por várias vontades negativas, faria, necessariamente, o que as sugestões dos componentes da falange ordenassem, tal qual um homem terreno submetido a um grupo de marginais que o levasse ao crime sem que ele próprio desejasse praticá-lo. Daí as forças físicas do endemoninhado quebrarem as cadeias com que era atado e sua vontade anulada a ponto de preferir habitar sepulcros, contrariando a própria natureza, que, instintivamente, afasta o homem de tais locais.

Ora, nenhum de nós ignora que muitos obsidiados graves da atualidade o são devido ao fato de se terem aliado a certas práticas de magia negra em agrupamentos macabros, quando até mesmo visitas aos cemitérios, alta noite, são programadas e efetuadas.

O obsidiado, nessas ocasiões, porta-se de forma porventura mais lamentável que a citada por Marcos, chegando a ponto de deglutir a carne decomposta dos cadáveres, julgando-se cão por uma sugestão dos obsessores, latindo e correndo de quatro pés pelo cemitério a dentro como um caso lamentável que nos veio às mãos há dez anos passados, a fim de tentarmos a cura. Também esses têm predileções pelos cemitérios, ali perambulam estranhamente à noite, até que, incurável a

sua deprimente situação, são metidos em manicômios onde sucumbem materialmente, e só Deus sabe quanto tempo assim ficarão, talvez séculos, até que a misericórdia de Deus lhes permita o restabelecimento no plano normal da vida.

O aspecto físico desses infelizes é repugnante e doloroso. Chegam mesmo a exalar fétido hálito e somente o amor ao Cristo de Deus poderá encorajar um médium a aproximar-se desses irmãos para falar-lhes do Pai e aplicar-lhes o santo bálsamo de vibrações caritativas através de passes, a terapêutica divina que devemos respeitar, amar e praticar com a maior veneração de que formos capazes.

Seria desagradável continuar citando casos tais, mas os homens necessitam conhecer essas coisas a fim de procurar evitá-las, permitindo-se um modo de vida mais sensato e mais consentâneo com as coisas de Deus. E os espíritas devotados ao tratamento da obsessão não ignoram esses mesmos fatos, sabendo também que obsessões desse gênero são de cura difícilíssima, se não impossível na mesma existência, requerendo talvez séculos, com reencarnações dolorosas, para um completo reajustamento com as fontes do bem.

Quanto à força super-humana demonstrada pelo "possuído da legião", igualmente não nos deve admirar. Sabemos que provas irrecusáveis a prática do Espiritismo fornece da força poderosa de que dispõem os Espíritos, força por assim dizer física. Em sessões orientadas por ilustres pesquisadores dessas forças ocultas da Natureza, viu-se que pianos de cauda eram deitados no chão suavemente, por Espíritos que se prestavam às experiências; armários pesados caminhavam "como um paquiderme", tal como relata o "Rei da Física" do seu tempo, William

Crookes, em seu famoso livro "Fatos Espíritas". Médiuns eram elevados no vácuo até o teto, tal o sucedido ao médium Douglas Home, e, depois, saindo por uma janela, assim suspenso, dava a volta no espaço e entrava por outra janela, colocando-se, depois, e ao seu fardo de carne e ossos, no primitivo lugar, e tantos fatos semelhantes que atestam possuírem os desencarnados forças imensamente superiores às de um ser humano. Não é, pois, de admirar, nem há como duvidar, de que o "possuído da legião", envolvido por faixas obsessoras, quebrasse as cadeias com que o atavam e arrebatasse as prisões onde era encarcerado.

Que espécie de força, porém, era essa?

Não será, certamente, a força física material terrena que conhecemos. Serão, entes, energias outras, ponderáveis, ainda desconhecidas dos homens, utilizáveis por qualquer classe de Espíritos, talvez o fluido elétrico, talvez o fluido magnético, elementos estes tão conhecidos e utilizados no mundo dos Espíritos. Certamente são, todos eles, formas da energia.

O diálogo, porém, prossegue, com o "Espírito imundo" ainda atuando no seu veículo, concordando em abandoná-lo, mas requerendo permissão para se apoderar de uma vara de porcos que pastava perto. No entanto, é muito pouco provável que os Espíritos se tivessem apossado dos porcos, ou de quaisquer outros animais, levando-os a se afogarem. O mais provável é os Espíritos obsessores, dada a sua inferior categoria espiritual, terem espantado os animais e estes se haverem precipitado no abismo, levados pelo pânico.

Mas Jesus teria, realmente, permitido que tais Espíritos cometessem o ato em apreço? A narrativa evangélica o afirma. O fato é transcendente, sem dúvida, e, se assim foi, temos de convir que uma razão especial levara o Mestre a conceder tal licença.

De outro modo, a reconstituição moral, mental, social e espiritual de um homem não valeria mais do que a perda de alguns pobres animais, de qualquer forma votados ao sacrifício para deleite dos seus proprietários? Embora sacrificados pelo afogamento, não teriam morte menos atroz, humanamente falando, do que se deglutidos por comensais?

Ora, a permissão de Jesus para que o fato se desse seria, provavelmente, uma advertência aos assistentes da cena, que se horrorizaram com o que viram, constatando, efetivamente, a presença de "Espíritos imundos" e a necessidade de se conduzirem de modo a evitar, em si mesmos, a intromissão de mal idêntico.

A crença nos maus Espíritos e a possibilidade de eles infelicitarem os homens era comum em toda a região e mesmo em todo o Oriente, e a advertência acima referida seria, então, a razão de Jesus permitir o fato.

Muitos pensadores, Allan Kardec inclusive, preferem acreditar que se trataria, antes, de outros animais e não de porcos.(8)

Os judeus e quase em geral os orientais nutriam horror aos porcos, não se alimentavam dessa carne, por questões religiosas. Acresce que a região citada era pobre, e dois mil porcos seriam algarismos elevadíssimos. É possível, pois, que as várias traduções sofridas por essas escrituras e consequentes cópias alterassem a verdadeira indicação.

(8) A Gênese, Allan Kardec, Cap. XI, item 34.

Outros sim, sabemos que o obsessor não habita o corpo do obsidiado, não substitui o espírito deste pelo seu próprio Espírito. O obsessor apenas domina a sua mente, as suas vontades, as suas ações, descarregando sobre o obsidiado ondas vibratórias violentas, que o constroem a atos que não desejaria praticar, (o suicídio inclusive) sugestões e fluidos inferiores capazes até mesmo de produzirem enfermidades graves.

Se um obsessor não se apossa do corpo do seu adversário humano, porque tal as leis naturais o não permitem, com maior razão o não poderá fazer a animais, cujas vibrações o permitiriam ainda menos, por muito inferior que fosse o próprio obsessor. Apenas poderiam espantá-los, criando para eles uma aparição adequada, pois os obsessores são férteis na criação de fantasmagorias alucinantes, e a observação tem constatado a possibilidade de os animais perceberem a presença de Espíritos desencarnados através de uma faculdade de vidência que, não sendo propriamente a mediunidade, os permite ver Espíritos e outras coisas do Invisível, especialmente entidades menos felizes, o que sempre lhes causa pânico.

Besta-nos ainda observar o seguinte, a ser realidade a precipitação dos animais no abismo. Os gerasenos, impressionados com o acontecimento, e temendo a perda de outros animais na região, pediram a Jesus que se retirasse de suas terras, segundo narra Marcos, com tanta viveza e realismo. Teriam, assim, rejeitado os ensinamentos do reino de Deus pelo zelo às suas varas de porcos. E quantos de nós ainda hoje também rejeitamos a Doutrina de Jesus pela ambição das posses materiais, ou dos gozos deste mundo?

Marcos finaliza o noticiário declarando que o homem que fora possuído dos maus Espíritos pediu permissão a Jesus, uma vez curado, para acompanhá-lo. Mas Jesus não permitiu, e disse-lhe:

"Vai para tua casa, para os teus, e anuncia-lhes quão grandes coisas o Senhor te fâz e a misericórdia que usou contigo".

E o homem assim fez, certamente propagando pela sua cidade o poder do Mestre.

Esse detalhe, que poderá passar despercebido ao leitor, encerra, no entanto, um grande ensinamento, que convém registrar. Esse homem, naturalmente, não estaria preparado para a melindrosa tarefa de seguir a Jesus e poderia dar ainda um testemunho mau, comprometendo-se novamente.

Necessitaria, provavelmente, refazer-se, amadurecer e educar melhor o próprio caráter, reconciliando-se consigo mesmo através da conduta correta, uma vez liberado pelo obsessor, meditar sobre as coisas de Deus, que o aproximassem melhor do próprio Mestre, pois é sabido que a obsessão deixa um rastro de inconveniências no obsidiado e que convém a este se esforçar muito para as dirimir completamente, depois do afastamento do obsessor.

Detalhes semelhantes a esse veem-se nas lides espíritas. Muitos obsidiados, depois de curados, não obtêm permissão imediata dos Guias Espirituais para se responsabilizarem por encargos doutrinários, a prática da mediunidade, inclusive.

Será necessário, para que a cura se complete, um preparo moral indispensável, o conhecimento das coisas espirituais que o fortaleçam para responsabilidades definidas.

A prática da caridade, o cultivo da prece educando a mente, a reforma dos próprios sentimentos, tanto quanto possível, serão o escudo que ele precisará conquistar, a fim de se firmar no propósito bendito, de caminhar para Jesus.

Semelhante compromisso - servir a Jesus - requer do seu candidato um espírito forte e sereno, capaz de sofrer com bom ânimo todas as peripécias advindas das lutas a serem travadas, o que não é rapidamente que um caráter vulgar consegue.

CAPÍTULO VIII UM CASO DOLOROSO

"Ai do mundo por causa dos escândalos! Eles são inevitáveis, mas ai daquele homem por quem vem o escândalo!" (Mateus, Cap. 18, v. 7)

E, continuando a falar em obsessão, apraz-me narrar um fato real e doloroso, o qual testemunhei entre os meus quatorze e quinze anos de idade. Esse fato, a par de outros que nós, espíritas, temos testemunhado durante nossas lides doutrinárias, vem provar a necessidade que têm os médiuns de se evangelizarem, a fim de adquirir forças e resistência contra os ataques de possíveis inimigos dos dois planos, isto é, terreno e espiritual.

Sabe-se que a mediunidade, em si mesma, é uma força que independe de moral, de sexo, de dotes do coração, etc. Ela age no seu possuidor livremente, mesmo à revelia dele.

Sabemos também que essa faculdade precisa ser controlada, educada, e o seu possuidor reformado em seus defeitos, pois quanto mais moralizado, mais sensato e criterioso ele for, como homem mais evangelizado, voltado para Deus, melhor instrumento do Além se fará, porque mais assistido pelas entidades esclarecidas, mais afastado e defendido das intromissões das trevas, liberado, portanto, de empeco.

É de bom conselho repetir a todos os portadores desse dom sublime: reeduquem-se o mais possível, combatam os próprios vícios, inclusive os mentais, aprendam a ser bons, evangelizem-se todos os dias um pouco, permaneçam em constante intercâmbio mental com o Alto, sejam amigos dos bons livros educativos, procurem Deus através da prece, enfim, que ressurjam do próprio passado, assim se preparando para os serviços que o Alto determinar. Se assim não fizerem, sabemos o que de eventos lamentáveis pode dar-se.

A evangelização do caráter de um médium é, portanto, a sua salvação, o amparo celeste iluminando o seu carreiro na trilha da redenção.

A mediunidade é um dom de Deus espalhado sobre a Humanidade, cumprindo, porém, ao homem cultivá-la amorosamente, honrá-la com as próprias virtudes, encaminhá-la para os serviços de colaboração com o Alto, através da prática do Bem.

O Sr. S. L. era bom homem. Chefe de família laborioso e honesto, pai de oito filhos pequeninos. Prestativo para com os amigos e simples colegas de trabalho. Funcionário público, encarregado de um setor de grande responsabilidade, havia de zelar por materiais de construção de grande importância. Era um dos mais bem dotados médiuns que conheci, no que toca à autenticidade mediúnica. Médiun receitista, tanto obtinha receitas homeopatas como alopatas, até mesmo em hora do seu expediente de trabalho profissional, sobre a mesa superlotada de papéis.

Certa vez, em uma sessão prática, em minha casa paterna, comunicava-se por ele o Espírito de um médico do interior de Minas Gerais, que fora assassinado com um tiro de revólver no momento em que montava a cavalo para atender a um chamado distante da sua cidade. Esse espírito, que deu a própria identidade, endereço, etc, como era pedido aos comunicantes por aquele tempo, entendia-se com o presidente da mesa, que o esclarecia, quando ouviu a tosse e os gemidos de uma criança enferma existente na casa, meu irmão D., de cinco anos de idade, gravemente atingido por uma pneumonia. Deixou de falar com o presidente, prestou atenção ao que se passava e exclamou:

- Como sofre esta pobre criança! Dá-me licença, vou examiná-la... Deixou o corpo do médium desmaiado na cadeira. Passado cerca de cinco minutos de expectativa regressou e disse:

- Vou receitar, deem-me papel! Mas aviso que seu mal é grave; trata-se de reumatismo infeccioso, além da pneumonia, e o caso requer tratamento intenso e constante.

Receitou na penumbra, onde ninguém enxergaria sequer para ler, recomendou algumas coisas mais e meu irmão curou-se, embora houvesse necessidade de tratamento continuado, a fim de debelar o reumatismo, o qual, aliás, foi sempre uma ameaça em sua vida.

Esse médium era o que se conhece como o verdadeiro médium de incorporação, o sonambúlico, único tipo de médium inconsciente. Ele ausentava-se do corpo e as entidades desencarnadas tomavam-no e davam a comunicação, como acontece com todo médium desse tipo. Os demais sabe-se que são falantes, ou seja, os Espíritos se servem apenas dos órgãos vocais do médium a fim de nos falar, (9) ou, alguns outros, simplesmente transmitem a intenção, que o médium filtra e reproduz.

Tinha ele a felicidade de contar com a assistência dedicada do iluminado Espírito Adolfo Bezerra de Menezes, que o aconselhava, incansavelmente, a moderar o próprio gênio, que era impetuoso.

O bondoso Espírito recomendava-lhe evangelizar-se, orar e vigiar, firmando-se nos conhecimentos gerais da Doutrina, pois um obsessor implacável, inimigo de uma existência anterior, rondava-lhe os passos, à espreita de ocasião adequada a exercer vingança projetada desde o tempo de D. Maria I de Portugal, dado que S. havia sido português, domiciliado em Vila Rica, e o seu desafeto brasileiro ali mesmo residia. Essa localidade, que hoje é a cidade de Ouro Preto, era, como se sabe, a sede do Governo das Minas Gerais, ao tempo do Brasil-colônia. Mas, tal era a proteção de Bezerra a esse médium que se compreendia nele o desejo santo de ajudá-lo a penetrar o caminho reto do Bem, livrando-o da sanha do obsessor.

À primeira sessão espírita a que assisti eu contava doze anos de idade. Foi belíssima, cheia de ensinamentos e importantes fenômenos. Nessa noite, consegui ver, pela primeira vez, o Espírito Bezerra de Menezes que, pelo dito médium, se incorporava, pois a vidência em mim floresceu ainda na infância.

(9) Ver "*O Livro dos Médiuns*", de Allan Kardec, Cap. XIV, itens 166,172,173 e 174.

Ao encerrar-se a sessão, antes da prece, foi apresentada ao iluminado protetor uma carta fechada, contendo um pedido de receita. O médium, assim em transe, pegou da carta, apertou-a na mão e, em seguida, tomou do lápis e do papel e traçou uma receita homeopata, com várias instruções sobre o tratamento. Aberta a carta, uma vez encerrada a sessão, viu-se, com efeito, que se tratava de um pedido de receita para uma criança de três anos de idade, que enfermara com uma infecção tífica. Outras receitas se seguiram a essa, nos dias subsequentes, e a criança curou-se em poucos dias.

No entanto, e apesar da paterna! Proteção que esse médium possuía não se evangelizava, não seguia os conselhos dos seus amáveis Guias Espirituais. Para assistir a uma sessão e trabalhar eram precisas súplicas dos companheiros de trabalho.

Metia-se em política, apaixonadamente, discutia e fazia inimigos, pois é bom lembrar que a política regional em Minas Gerais, por esse tempo, era violenta, e constantes rixas se davam até entre mulheres, que se agrediam na rua, levadas pela paixão partidária.

Rezam os códigos espíritas que, se o médium não persevera no propósito de emenda dos próprios erros e rejeita conselhos e advertências dos seus protetores espirituais, estes o abandonam após tempo razoável de esforço junto dele visando encaminhá-lo ao cumprimento do dever. E isso mesmo aconteceu a S. L., que não ligava a menor importância aos seus deveres de espírita e de médium. Os guias se retiraram, deixando-o entregue ao próprio livre-arbítrio, pois as leis que nos regem não podiam forçá-lo a deveres que ele não queria assumir. Então, aproximou-se dele o obsessor, isto é, deu ele entrada ao terrível adversário que o espreitava. Vários acidentes começaram a ocorrer. Certa vez, o adversário chegou mesmo a atirá-lo de um pontilhão ao rio que corria abaixo, tendo o Sr. S. ferindo-se muito e quase se afogado, sendo o obsessor detectado, com precisão, pela sua vidência. Em vez, porém, de recorrer à prece, maldisse dele, blasfemando e invectivando-o.

Outras sessões práticas foram realizadas, agora no intuito de doutrinar a rebelde entidade e afastá-la de S. Ele mesmo a recebia, o que é contraproducente, pois o obsidiado não deve receber o seu obsessor porque este, afeito às vibrações do ser adversário, domina-o e a tentativa será vã.

A muitas dessas sessões, realizadas não mais em minha casa paterna, mas na de outrem, eu assisti então, fato que igualmente é contraproducente, porquanto reuniões desse gênero não devem ser efetuadas em casas particulares, e sim tão-somente na sede dos centros espíritas.

A pobre entidade comunicava-se, então, violentamente. Atirava a cadeira no chão, despedaçando-a; martirizava o médium, atirando-o ao chão em convulsões, como se o surtasse, e após o trabalho findo, viam-se escoriações pelo corpo, arranhaduras pelo rosto, braços, etc, e durante tais cenas, várias vezes o médium, assim violentado, quebrava a mesa arrancando-lhe as tábuas e atirando-as para longe. S. L. tornava-se, então, violáceo, com os olhos arregalados e a boca espumante, qual

louco em penosa crise. Mas aproximava-se um amigo piedoso do Além, após súplicas de socorro dos circunstantes, e a situação era remediada.

Uma noite, porém, o obsessor identificou-se e expôs a razão do seu ódio, bem como o desejo de vingança, quando admoestado pelo que fazia e convidado a perdoar:

"Não! disse ele, não posso nem devo perdoá-lo! Vivo ainda no inferno em que ele me atirou e tornei-me Satanás. Nos tempos de D. Maria I, em Vila Rica, ele era promotor público e eu pequeno funcionário subalterno seu. Ele não era honesto nem leal para com quem quer que fosse. Ordenava-me retiradas de materiais públicos, para construções, a seu proveito, e eu o fazia, cumprindo suas ordens e ignorando para que fim eram feitas tais retiradas. Esse material era vendido por mim sob suas ordens, eu passava os recibos e o produto da venda religiosamente entregue a ele, pois afirmava possuir procuração do Estado para realizar tais negócios. O escândalo, porém estrugiu. Fui acusado de roubo ao Estado e ele foi o meu maior acusador. Eu era inocente, apenas cumpria ordens.

Meu domicílio foi varejado pela polícia, o pouco que eu possuía, confiscado pelo Estado e vendido, a fim de amortizar o prejuízo, a casa inclusive, e minha mulher e meus infelizes oito filhos ficaram ao desabrigo, sem proteção, porque eu estava preso e ninguém se atrevia a proteger a família de um ladrão acusado pelo Estado.

Atirei-me aos pés desse homem pedindo socorro para mim e minha família, pois ele sabia da minha inocência. Fiz-lhe ver que era pai de oito filhos pequeninos e precisava viver a fim de criá-los. Tudo em vão.

Torturaram-me na prisão, a fim de que confessasse onde escondera o produto das vendas do roubo, e o dinheiro estava com ele. Disse-o aos meus juízes, mas não fui acreditado a persona jerfi merecia a confiança das autoridades.

Fui, então, condenado à morte na forca e enforcado na praça pública, em Vila Rica, às 7 horas da manhã. Meu cadáver ficou dependurado o dia todo para que a população o contemplasse e aprendesse que os bens públicos são sagrados. E só depois do pôr-do-sol fui retirado e sepultado fora da terra consagrada pela Igreja. Meus filhos e minha mulher desapareceram dali e trocaram o sobrenome. Seria infamante para eles perpetuar o nome de um ladrão enforcado...

Ao dizê-lo, arrebatou-se, atirou o médium ao chão e saiu. S. ficou desmaiado e demoraram a fazê-lo voltar ao corpo.

Impressão dolorosa punziu o coração dos assistentes, o meu inclusive. Pus-me a chorar, atormentada por uma tétrica visão interior, pois eu contava apenas quinze anos de idade.

Na sessão seguinte, apresentou-se o paternal Espírito Bezerra de Menezes, mas servindo-se de outro médium. Suavemente, impressionando pela tristeza por todos notada, falou, dirigindo-se a S.:

“Deus é testemunha, meu filho, de que tudo fiz para conduzir-te a um caminho sensato, onde te poderias reformar”. Foste dotado com uma faculdade preciosa, que te auxiliaria a resgatar erros passados através do amor e do trabalho santificado pelo Evangelho. Mas, tens sido rebelde. Nunca levaste a sério o compromisso com o Cristo de Deus nem com a Doutrina dos Espíritos, seus mensageiros, nem com a tua faculdade mediúnica, bem celeste que poderia fazer a tua redenção. Agora, peço-te pela última vez: Compadece-te de ti mesmo! Ora e pede perdão ao teu adversário. Ora por ele, que muito sofre, pois é tão rebelde como tu próprio. Ajuda-o, pois nunca o fizeste! Modera o teu gênio, retrai-te do mundo, porque o médium há de viver no mundo, mas sem pertencer ao mundo. E, acima de tudo, nestes próximos vinte dias, não te permitas reuniões com amigos. Do teu trabalho segue para o lar; entretém-te com teus filhos e teus livros doutrinários. Não te intrometas em política, não visites cafés nem bares, não discutas com quem quer que seja. Se venceres esta etapa estarás salvo.

S. chorou e tudo prometeu. Mas... tudo esqueceu, passado alguns dias.

Quinze ou vinte dias depois, S. faltou ao trabalho. A política regional vibrava. Pela manhã saiu à rua, interessado nas novidades políticas, pois se estava em vésperas de eleições.

Conversava sobre a situação entre correligionários e adversários. Subitamente, um destes últimos exprimiu-se de forma ofensiva sobre o partido de S., este levantou-se, colérico, e esbofeteou-lhe o rosto. Um policial presente, amigo do esbofeteado, entrou em defesa deste último. Vendo o tumulto, o proprietário do Café pôs o grupo para fora, cerrando as portas. Aos insultos e empurrões, o grupo afastou-se alguns passos, atingindo, então, o ponto mais central da velha cidade mineira, até que o

dito policial, sacando o revólver que trazia, desfechou todas as suas balas sobre S. que, caindo mortalmente ferido, exclamou ainda:

"Não me mate, pelo amor de Deus! Tenho oito filhos pequenos para criar!"

Era o mais central ponto da cidade, que se alvoroçou com o acontecimento. S. era estimado mas seu cadáver ali ficou, das 10 horas da manhã às 5 da tarde. Toda a população correu a vê-lo, e nunca se soube por que razão as autoridades retardaram tanto a sua retirada da via pública.

"MORAL DA HISTÓRIA"

O conhecimento do Evangelho, a observação dos deveres da mediunidade e a prática do bem, assim como a reforma Intima, a integração mental com o Alto são indispensáveis a um médium para o bom desempenho da sua tarefa de mediador entre o céu e a Terra. Todos nós possuímos grandes inimigos desencarnados, frutos dos nossos erros e crimes passados. O crime não é lei de Deus e sim infração grave à mesma lei; por isso, é evitável.

Não há necessidade de repararmos nossas faltas através de novos crimes. O Amor, o trabalho, a dedicação ao Bem igualmente resgatam faltas. S. L. possuía tudo para reparar o antigo delito, sem a necessidade de ser assassinado na via pública. Mas, não compreendeu o auxílio que o Criador lhe concedeu.

Na velha cidade mineira, onde este caso se passou, existe uma cruz assinalando o ponto em que ele foi abatido pelo seu obsessor. Cumpriu-se a lei severa do "olho por olho, dente por dente", fora do "Amor e Perdão".

Hoje, S. L. é um Espírito lúcido, completamente convertido ao Bem. A amarga lição sacudiu-o poderosamente e seu arrependimento foi grande. Em vias de redenção, é instrutor espiritual de obsessores, a quem pacientemente tenta imprimir a transformação Intima, com os ricos dotes individuais que possui, além disso, obteve permissão para ser defensor dos médiuns. Ele próprio trouxe-me a inspiração para a

produção desta página, com a condição de dedicá-la aos médiuns em lutas pela própria redenção...

CAPÍTULO IX CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEDIUNIDADE

O Sr. G. S. V., estudioso dos assuntos espíritas, mandou-nos as seguintes perguntas:

1 - Como ajudar o desenvolvimento prático da mediunidade?

2 - Qual o método de desenvolvimento a médiuns comuns, sem forçá-los ou condicioná-los às manifestações?

3 - Como devemos dirigir esta parte?

4 - Qual a forma segura, sem forçar, que os predisponha a um desenvolvimento natural, sério, tranquilo?

1 - O melhor meio de desenvolver a mediunidade é não se preocupar com o seu desenvolvimento, mas preparar-se moral e mentalmente para poder assumir o compromisso de se tornar médium desenvolvido. Tal preparo, no entanto, não poderá ser rápido, e, muitas vezes, a faculdade se apresenta e se define durante o seu decurso. É o método mais seguro, natural, portanto. Se a mediunidade não se apresentar assim, espontaneamente, naturalmente, é sinal de que ainda não está bastante amadurecida para explodir.

Pode-se, entretanto, experimentar, sentando-se o médium à mesa dos trabalhos, e deixando-o à vontade. O diretor da mesa, por sua vez, não deve insistir, pressionando ou constringendo o pretendente a que dê passividade, porquanto esse método excita a mente do médium, que acaba dando passividade a si próprio, com o que teremos a sugestão, e não a comunicação mediúnica autêntica.

Kardec aconselha essa experiência até seis meses, e a observação tem provado que, se há, realmente, alguma faculdade para desenvolver, em muito menos tempo o caso será resolvido, principalmente se o médium estiver preparado através do estudo e da prática do bem.

Se o pretendente nada sentir nesse período deve, a rigor, retirar-se da mesa. O contrário será forçar o dom, com a superveniência de animismo, de autossugestão ou da sugestão do próprio dirigente dos trabalhos sobre a mente do paciente. Verifica-se daí uma espécie de hipnose que poderá até mesmo prejudicar para sempre a mediunidade, quando ela realmente se apresentar. E é o que mais existe hoje em dia nos centros espíritas onde Allan Kardec é substituído por ideias pessoais e modismos de outras escolas espíritas, muito infiltrados na escola kardequiana.

A mediunidade é faculdade transcendente, sublime, que não pode suportar métodos inadequados à sua natureza por assim dizer celeste.

2 - As sessões práticas de desenvolvimento não são aconselháveis. A observação tem demonstrado que elas são, em grande maioria, fábricas de animismo e obsessão, de sugestão e descontrole nervoso, justamente porque obrigam os participantes a um esforço penoso ao desenvolvimento. Data escassez de médiuns seguros da sua faculdade.

Médiuns há que ficam um, dois, cinco, dez anos desenvolvendo as próprias faculdades sem nada conseguirem de autêntico e útil, perdendo, assim, um tempo precioso, que poderia ser empregado em outro setor. Mas o certo é que, se em alguns poucos meses eles não tiverem faculdades desenvolvidas, não convém que insistam, ou porque não possuam a faculdade, ou porque não esteja ela na época de eclosão, ou porque foi prejudicada por fatores que convém sejam observados e estudados... Ao demais, o desenvolvimento completo de uma faculdade mediúnica leva tempo a se completar, e requer paciência e dedicação, muito amor e muito estudo, renovação moral e mental progressivas e, às vezes, muitas lágrimas e sofrimentos.

É bom não esquecer que a finalidade da mediunidade é o intercâmbio entre o ser humano e as entidades espirituais, dependendo, portanto, de nós mesmos a sua glória ou o seu fracasso. O desenvolvimento espontâneo, pois, é um dos segredos da boa mediunidade.

Há pessoas que parecem demonstrar sintomas da faculdade a desenvolver, mas são excessivamente nervosas, impressionáveis. Se experimentam, nada conseguem de plausível. A essas será prudente, antes de qualquer experiência, um adequado tratamento médico, assim como passes feitos duas vezes por semana, pelo menos, com uma

assistência de dois a três médiuns passistas, leituras evangélicas, frequência às reuniões de estudo e meditação, mas não a presença em sessões práticas.

Na maioria dos casos, essas pessoas são mais doentes psíquicas, necessitados de um tratamento físico-psíquico, do que verdadeiros médiuns a desenvolver, pois uma das condições para a mediunidade é a boa saúde do médium. São pessoas traumatizadas, cuja mente vigilante ou doente forja o que apresenta, tira de si mesma as comunicações que dá, e podem ser até histéricas. Quando se restabelecerem, poderão experimentar, mas é provável que jamais sejam aparelhos mediúnicos fiéis. Durante o tratamento, a fim de não perderem tempo, poderão ser aproveitadas em trabalhos de caridade ao próximo aliados ao Evangelho, quaisquer que sejam, e até no auxílio aos passes (concentração junto ao passista), conforme o grau da responsabilidade já adquirida, pois tudo isso é responsabilidade, é compromisso com a lei de Deus.

A seara é grande, e há serviço para todos. A mediunidade é amor, é sacrifício, é renúncia, é humildade, é cruz pesada, e não é apenas no seu setor que podemos servir a Deus e ao próximo.

3-0 meio mais prudente para dirigir esta parte é o seguinte, prática esta estabelecida nos núcleos espíritas mais esclarecidos e criteriosos:

a) Sessões teóricas para os candidatos ao desenvolvimento. Estudo indispensável de "O Livro dos Médiuns" de Allan Kardec, e de outras obras que auxiliem o esforço para a sintonização das próprias vibrações com as forças do Alto.

b) Se os candidatos forem portadores de boa moral, boa saúde e desejo de servir a Deus e ao próximo, se já frequentam sessões de estudo, aproveitando das instruções recebidas, do critério da Doutrina e da responsabilidade assumida, poderão aplicar passes, no próprio centro ou fora dele, acompanhados de irmãos mais experimentados, ao iniciarem o mister. Esse é o trabalho da fé e da coragem, desburocratizado, e nada devemos temer, pois estaremos assistidos ocultamente pelos mensageiros do Cristo.

Será erro, porém, supor que, para aplicar passes, necessitamos receber Espíritos e sermos médiuns desenvolvidos. Esse método é falso,

infiltrações infelizes de outras correntes de ideias na lúcida Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec.

Aplicando passes criteriosamente, no sublime trabalho da Caridade, com fervor, responsabilidade e amor, o pretendente será, por certo, assistido pelos mensageiros do bem e, se possuir outras faculdades, desenvolvê-las-á suavemente, naturalmente, seguramente, em faixas espirituais protetoras e iluminadas, sem necessidade de passar por aqueles terríveis períodos obsessivos provocados pelas sessões de desenvolvimento, forçando a explosão da faculdade que pode não existir. Esses são os casos normais.

c) Além dos trabalhos de passes, o candidato poderá assistir a reuniões práticas ditas "de caridade" (não para desobsessões), fora da mesa, numa "segunda corrente". Que o presidente não se incomode com ele. O dia em que ele, médium, sentir qualquer anormalidade, sente-se à mesa e, com certeza, o caso estará resolvido.

Deverá também estudar a Doutrina Espírita e o Evangelho, diariamente, evitando, porém, o fanatismo pelas obras mediúnicas e meditando criteriosamente sobre as clássicas, observando a pesquisa moderna; orar, suplicar, oferecer seu trabalho a Jesus, aprendendo com ele a ser bom e humilde de coração e a renunciar, embora o preparo para as renúncias necessárias à boa marcha dos trabalhos seja lento, progressivo; e fazer caridade, também sem fanatismo, antes equilibrada e útil. É uma renovação moral que se impõe para se conseguir a boa mediunidade.

O médium, outrossim, não deve nem pode pensar nos próprios deveres apenas ao se sentar à mesa, mas a cada hora que viver, pois é uma antena sempre desperta, que receberá tudo, e que poderá prejudicar-se e ao seu trabalho mediúnico por muitas formas diferentes, se se descuidar das próprias responsabilidades.

Para os casos de obsessão ou atuações fortes em médiuns não desenvolvidos não convirá desenvolvê-los nessa ocasião. Nesse estado anormal, o médium torna-se um enfermo que necessita tratamento antes de mais nada. O mais prudente será passar a entidade para outro médium, conversar com ela a fim de esclarecê-la, e tratar cautelosamente do médium, inclusive esclarecendo-o também.

Doutrinar a entidade servindo-se do médium assim atormentado é prejudicá-lo ainda mais, pois ele poderá não possuir o critério necessário a tal empreendimento, nem aguentar a responsabilidade do compromisso; desenvolver sua faculdade nessa ocasião é abrir-lhe a possibilidade para novas obsessões. O trabalho da caridade, qualquer que seja, será recurso salvador.

4 - A psicografia é muito subdivida. Há médiuns psicógrafos de vários tipos. (10) Não se pode, portanto, pedir ao psicógrafo aquilo que ele não poderá dar, pois, às vezes, nosso pedido poderá não corresponder à sua especialidade, e novamente advir a intromissão do chamado animismo.

Frequentemente, entre médiuns escreventes, poderá haver o impulso vibratório do braço, mas ele, o médium, não tem o que escrever porque não possui faculdade literária. Nesse caso, Kardec aconselha a fazer perguntas ao seu Guia Espiritual, sempre respeitadas e doutrinárias, de forma, porém, a provocar respostas amplas, e em nome de Deus Todo Poderoso.

(10) Ver "*O Livro dos Médiuns*", Cap. XVI, item 193.

Se o médium não possui dons literários será em vão tentar, pois somente obterá produções medíocres. A literatura autêntica na psicografia é dom especial, que não se poderá provocar. Em idênticas condições a poesia: nem todos os médiuns literários produzirão poesia, pois este dom é outra especialidade na psicografia. (11)

O modo mais seguro, portanto, natural, sem forçar a explosão da faculdade, é o que aí fica exposto, resultado de longas observações em torno do caso, dos conselhos dos Bons Espíritos e das recomendações dos grandes mestres da Doutrina Espírita.

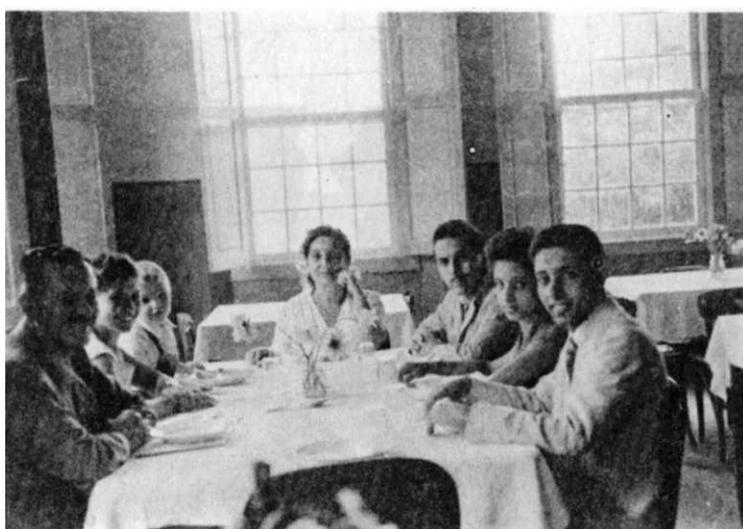
Convém não esquecer que a mediunidade é um dom de Deus, com o qual não devemos abusar. Devemos, sim, tratá-lo com amor e respeito, cultivá-lo com método, humildade e habilidade, à base do Evangelho, dele fazer instrumento da Caridade e da Fé.

Útil lembrar que a um médium não será apenas recomendado que produza belas páginas de literatura, mas, também, e acima de tudo, que console corações sofredores, enxugue lágrimas de aflição, socorra os

infelizes, fornecendo-lhe Amor e Esperança, pois para isso possui ele as credenciais de intermediário entre a terra e o céu.

(11) Ver "o Livro dos Médiuns", Capítulo XVI, item 193.

INSTANTES FOTOGRÁFICOS DA AUTORA



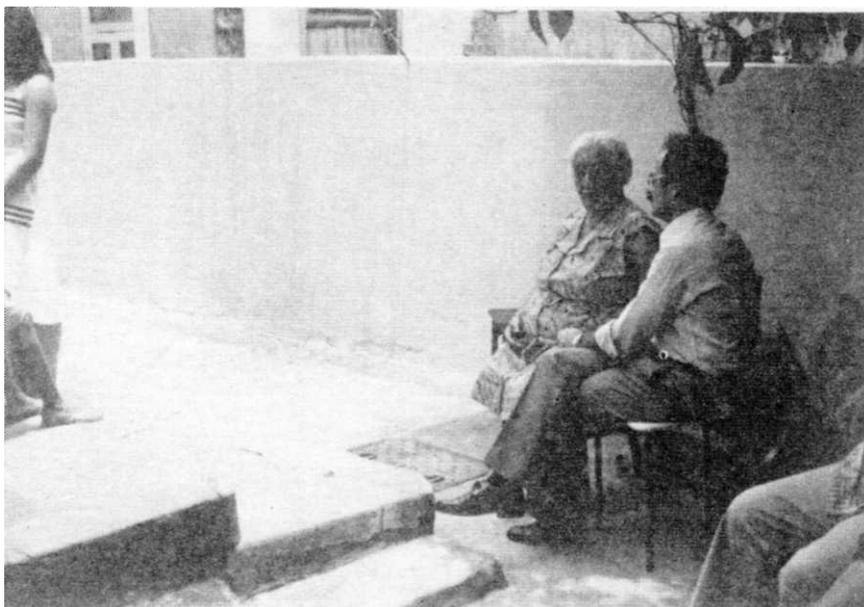
Yvonne com os sobrinhos César, Elizabeth e confrades em um restaurante de Barbacena, no ano de 1957.



D* Yvonne com confrades de Votuporanga, SP, no portão da residência na Rua Elias da Silva 133, onde durante muitos anos residiu e recebeu confrades de todo o Brasil.



Mesa que dirigiu os trabalhos de fundação do "Spiritismo Grupo EEE", no dia 14 de dezembro de 1956, na sede da União Espirita Mineira, Rua Guarani 315, Belo Horizonte. Da direita para a esquerda: Sr. Misael Alves Mendes, Dr. Carlos Rezende, Srta.x Yvonne A. Pereira, Sr. Badi Elias Guri, Sr. A. Afonso Costa, Dr. Ademar Dias Duarte, Sra. Maria Filomena Aluoto Beruto.



A médium e Affonso Soares nas dependências do Centro Espírita Manoel Martins, na Cidade do Rio de Janeiro.